



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**ESCRITA DE SI, ESCRITA DA ALMA: NARRATIVA DE VIDA ENTRE
MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS (2003-2019)**

DIACIZ ALVES DE OLIVEIRA

CAMPINA GRANDE
2023

**ESCRITA DE SI, ESCRITA DA ALMA: NARRATIVA DE VIDA ENTRE
MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS (2003-2019)**

DIACIZ ALVES DE OLIVEIRA

Trabalho de conclusão de curso (Relato de Experiência) apresentado ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador (a):

PROF. Dr.^a REGINA COELLI GOMES NASCIMENTO

Campina Grande

2023

DIACIZ ALVES DE OLIVEIRA

**ESCRITA DE SI, ESCRITA DA ALMA: NARRATIVA DE VIDA ENTRE
MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS (2003-2019)**

Trabalho de Conclusão do Curso (Relato de Experiência) avaliado em
_09 / _02 /2023__ com o conceito _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento
Orientador (a)

Prof. Dra. Silêde Leila Oliveira Cavalcanti
Examinador (a)

Prof. Mikaely Silva de Arruda
Examinador (a)

*Dedico este trabalho a Deus, a
minha família, a professora e
minha orientadora Regina
Coelli Gomes Nascimento a
professora Silêde Cavalcanti, a
Marilia Emanuela Santos
Silva, a Anderson Oliveira, e a
Lúcia de Fátima Guedes
Guimarães.*

AGRADECIMENTOS

Escrever esses agradecimentos será para mim um grande prazer e motivo de muita alegria. Não tenho muitos nomes para citar, nem frases tocantes para escrever, mas singelamente, comunico que cada pessoa citada nas linhas que se seguem tem muita importância em minha vida, cada qual a sua maneira e com o seu espaço bem definido.

Eu não sou uma pessoa materialista, na verdade, embora não tenha muitos bens materiais, sendo sincero, não tenho quase nenhum, não me importo muito com esse tipo de coisa, porque para mim as pessoas são mais importantes do que os bens e as muitas posses. Nada no mundo é capaz de pagar um abraço sincero, um sorriso que fala através de suas expressões, uma palavra de ânimo, de conforto, de encorajamento e até mesmo de repreensão quando necessário. Todas essas ações só podem ser praticadas por pessoas e não por coisas.

Bem, mas começando meus agradecimentos, gostaria de dizer muito obrigado a meu Deus, ao Pai, Filho e Espírito Santo, pois sempre estiveram ao meu lado me ajudando nos meus piores momentos, nas mais terríveis fases de minha vida, Jesus sempre esteve lá e acredito que mesmo sem eu perceber ou entender Ele deu um jeito para que as coisas seguissem e as superações acontecessem. Sei que já o decepcionei muitas vezes, todavia Ele nunca me negou perdão, nunca me virou as costas nem deixou de me abraçar. Já me repreendeu muitas vezes, algumas delas dolorosamente, mas para mim as repreensões de Jesus são atos de amor, pois ele deseja ver minha felicidade e não o contrário.

Jesus é tão bom para mim que colocou pessoas para me ajudarem em momentos que eu precisei, pessoas estas que hoje representam para mim verdadeiras preciosidades, joias de grande valor. Agradeço muito a minha família, embora eles não sejam muito ligados com o meio educacional nunca criaram barreiras que me impedissem prosseguir com meus estudos. Agradeço demais aos meus avós paternos, Sebastiao e Maria por sempre terem cuidado de mim em todos os sentidos, nunca me desampararam, a eles minha gratidão.

Não posso esquecer jamais das benesses de minha amada vó para comigo, ainda quando eu tinha três, quatro, cinco anos de idade... Ela comprava para mim caderninhos, lápis de cor para eu desenhar e também lápis de tinta. Ela tentava me ensinar a aprender

escrever meu nome, mesmo ela não sabendo como escrevia, analfabeta, passou a vida dedicada ao trabalho no campo e em casa, cuidando do lar, dos filhos e do marido e também de netos, dentre os quais minha pessoa. Tentava soletrar comigo e errava tudo, meu avô quando estava por perto a corrigia e a gente acabava rindo demais. Era muito engraçado. Meu avô também não sabe ler muito bem, mas nunca perdeu a oportunidade de fingir ser entendido. Agradeço muito ao meu avô por seu grande esforço e dedicação para minha criação, ainda durante tempos difíceis e de muita escassez seus esforços não cessaram.

Agradeço a uma irmã que conheci na UFCG, arrisco dizer e arriscando não erro, que este foi o melhor presente que a Universidade me proporcionou. Marília Emanuela Santos Silva, esse ser humano incrível, de caráter inenarrável e de um coração gigante, fora tantas outras qualidades. Sempre estive ao meu lado, desde o início do curso até agora, nunca mudou, continuou sempre a mesma pessoa, nos maus e nos bons momentos. Eu me questionei e me questiono o porquê dela ter escolhido ser minha amiga e permanecido nessa condição.

Eu não me acho digno de tal privilégio. Na nossa turma inicial e em turmas de outros períodos com as quais tivemos contato tinham muitas pessoas muito mais importantes e melhores do que eu para se desenvolver amizade, mas ela não foi embora, não me abandonou. Mesmo estudando em turnos diferentes ela nunca esteve ausente. Sempre sorrindo, mesmo com as coisas dando errado em certos momentos, mas sempre com fé, enfrentando tudo e até me defendendo em certas ocasiões. Marília é uma mulher incrível, e merece toda felicidade do mundo. Muito obrigado. Eu te agradeço muito.

Meus agradecimentos também serão direcionados ao meu amigo Anderson Oliveira Bernardino, o qual estive ao meu lado durante todo o curso. Anderson é uma das melhores pessoas que já conheci na minha vida, um rapaz de coração imenso e de uma simplicidade considerável. Muito me ajudou desde que iniciei no curso de História da UFCG, na época da pandemia de Covid-19, durante as aulas remotas ele me auxiliou bastante, se não fosse sua ajuda até disciplina eu teria reprovado. Muito obrigado meu amigo/irmão, e que Deus te abençoe man.

Também agradeço imensamente a uma das melhores professoras do departamento de História da UFCG, Professora Regina Coelli Gomes Nascimento, sem a qual de maneira nenhuma eu teria conseguido chegar até aqui na escrita deste TCC. Regina Sempre me tratou muito bem, desde o início do curso, muitas vezes me

cumprimentou sorrindo e eu sempre a tive em grande estima dentre os professores do curso. Obrigado professora por ter me suportado com tanta paciência, insistido e não desistido de me ajudar. Obrigado por tanta compreensão, disponibilidade, atenção etc. Todo e qualquer mérito que este trabalho venha alcançar eu atribuo a vossa senhoria.

Outra professora do departamento de História da UFCG a quem tenho muita gratidão, respeito e admiração é Silêde Cavalcante, a quem agradeço ternamente o apoio e compreensão que a mim foram dispensados em não muito poucas ocasiões. Durante um ano e meio, entre agosto de 2018 e dezembro de 2019, época em que fui participante do PIBID tive Silêde como coordenadora. Nessa época as coisas estavam muito difíceis para mim, até mais do que haviam sido até então. Fiquei com um rendimento baixo dentro do projeto e como eu era bolsista as responsabilidades deveriam ser maiores e a participação também.

Embora eu tenha deixado muito a desejar, Silêde sempre me compreendeu, contei-lhe uma parte das intempéries que estava atravessando e ela sempre disposta a ouvir não me julgou e também não me desligou do projeto embora houvesse motivo e ela tivesse essa autonomia. Ela não imagina o bem que me fez. Como me permitiu continuar no projeto isso significou que eu pude continuar no curso e arcar com os diversos gastos e necessidades que eu tinha nessa época.

Para, além disso, Silêde e Regina me apresentaram os textos de Paulo Freire, confesso que para mim foram os melhores que li durante o curso. Com essas duas professoras eu tive acesso a novas perspectivas educacionais, novas maneiras de pensar a educação, os educandos e a si próprio. Aprendi que o ensino deve proporcionar a autonomia dos alunos, o pensamento livre e crítico. Aprendi mais sobre compreensão e empatia, compreendi que existem professores que motivam, cativam e se importam com a educação, com o trabalho que desempenham e com a sociedade. Obrigado professoras, vocês são demais.

Por fim, agradeço a mim mesmo, por ter suportado muita luta e dificuldades e não ter desistido, ter continuado e chegado até aqui, mesmo com as circunstâncias insistindo em me levar em ventos contrários. Agradeço a cada pessoa que passou por minha vida e que direta ou indiretamente teve alguma participação em minha história. Obrigado meu Deus pela vida, sofrida é verdade, mas é através do sofrimento que eu sinto seu cuidado e proteção.

É a própria alma que há de constituir naquilo que se escreve; todavia, tal como um homem que traz no rosto a semelhança natural com seus antepassados, assim é bom que se possa perceber naquilo que escreve a filiação dos pensamentos que ficaram gravados na sua alma. Pelo jogo das leituras escolhidos e pela assimilação, deve tornar-se possível formar para si próprio uma identidade através da qual se lê uma genealogia espiritual inteira e num mesmo coração há vozes altas, baixas e medianas. (Michel Foucault)

RESUMO

Nesta pesquisa temos como objetivo narrar e refletir acerca de fragmentos de minha história de vida, sobretudo, problematizar sobre minhas experiências no meio educacional oficial, iniciando no grupo escolar Ceciliano Gomes, passando pelo Colégio Municipal Padre Simão Fileto e a Escola Estadual Iolanda Tereza Chaves de Lima na cidade de Cubati, no período compreendido entre os anos de 2003 a 2015. Seguindo, das experiências vivenciadas no Curso de História da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG entre 2017 e 2019. Nosso interesse em realizar este trabalho parte do desejo de relatar e problematizar as experiências que vivenciei estudando no modelo tradicional de ensino. Também, desejamos refletir sobre as experiências que vivenciei no ensino superior a importância da educação crítica e autônoma, onde o aluno é sujeito ativo e construtor no processo de ensino aprendizagem. Finalmente, pretendemos mostrar a importância do Pibid na formação docente. Em nossas análises percebemos que, esse trabalho tem sua importância em demonstrar as grandes dificuldades que pessoas financeiramente vulneráveis têm em acessar a educação oficial no Brasil, como também evidenciar as omissões e falhas do estado brasileiro no tocante a possibilitar igualdade social, bem como a importância do Pibid na formação docente. Do ponto de vista teórico metodológico para concretização desta pesquisa dialogamos com alguns autores, a exemplo de Jorge Larrossa (2018), com suas reflexões sobre o conceito de experiência; também nos aproximamos dos estudos de Maurice Halbwachs (1990) acerca da Memória Coletiva; conversamos com Paulo Freire através de suas Pedagogias Do Oprimido (2005) e da Autonomia (1996) e para discutirmos acerca do currículo tradicional fazemos uso dos escritos de Maria das Graças Nicoletti Mizukami (1986) tratantes a esse respeito.

Palavras- chave: Escrita de si; Relato de experiência; currículo tradicional; escola pública; Pibid.

ABSTRACT

In this research, we aim to narrate and reflect on fragments of my life story, above all, to discuss my experiences in the official educational environment, starting with the Ceciliano Gomes school group, passing through the Padre Simão Fileto Municipal College and the Iolanda Tereza Chaves de Lima in the city of Cubati, from 2003 to 2015. Following, from the experiences lived in the History Course at the Federal University of Campina Grande-UFCG between 2017 and 2019. Our interest in carrying out this work stems from the desire to report and problematize the experiences I lived studying in the traditional teaching model. Also, we want to reflect on the experiences I had in higher education, the importance of critical and autonomous education, where the student is an active subject and builder in the teaching-learning process. Finally, we intend to show the importance of Pibid in teacher training. In our analyzes we realized that this work is important in demonstrating the great difficulties that financially vulnerable people have in accessing official education in Brazil, as well as highlighting the omissions and failures of the Brazilian state in terms of enabling social equality, as well as the importance of Pibid in teacher training. From a theoretical and methodological point of view, to carry out this research, we dialogued with some

authors, such as Jorge Larrossa (2018), with his reflections on the concept of experience; we also approach the studies of Maurice Halbwachs (1990) about Collective Memory; we talk with Paulo Freire through his *Pedagogias Do Oprimido* (2005) and *Autonomia* (1996) and to discuss about the traditional curriculum we make use of the writings of Maria das Graças Nicoletti Mizukami (1986) dealing with this regard.

Keywords: Self-writing; Experience report; traditional curriculum; public school; Pibid.

RESUMEN

En esta investigación, pretendemos narrar y reflexionar sobre fragmentos de mi historia de vida, sobre todo, discutir mis experiencias en el ambiente educativo oficial, comenzando con el grupo escolar Ceciliano Gomes, pasando por el Colegio Municipal Padre Simão Fileto y el Iolanda Tereza Chaves de Lima en la ciudad de Cubati, de 2003 a 2015. A continuación, de las experiencias vividas en el Curso de Historia de la Universidad Federal de Campina Grande-UFCG entre 2017 y 2019. Nuestro interés en realizar este trabajo nace del deseo de relatar y problematizar las experiencias que viví estudiando en el modelo tradicional de enseñanza. Asimismo, queremos reflexionar sobre las experiencias que tuve en la educación superior, la importancia de una educación crítica y autónoma, donde el estudiante sea sujeto activo y constructor en el proceso de enseñanza-aprendizaje. Finalmente, pretendemos mostrar la importancia de Pibid en la formación del profesorado. En nuestros análisis nos dimos cuenta de que este trabajo es importante para demostrar las grandes dificultades que las personas financieramente vulnerables tienen para acceder a la educación oficial en Brasil, además de resaltar las omisiones y fallas del estado brasileño en términos de permitir la igualdad social, así como la importancia de Pibid en la formación del profesorado. Desde un punto de vista teórico y metodológico, para realizar esta investigación dialogamos con algunos autores, como Jorge Larrossa (2018), con sus reflexiones sobre el concepto de experiencia; también abordamos los estudios de Maurice Halbwachs (1990) sobre la Memoria Colectiva; hablamos con Paulo Freire a través de sus *Pedagogias Do Oprimido* (2005) y *Autonomia* (1996) y para discutir sobre el currículum tradicional nos valemos de los escritos de Maria das Graças Nicoletti Mizukami (1986) que tratan al respecto.

Palabras llave: Autoescritura; Informe de experiencia; currículo tradicional; escuela pública; Pibí.

SUMÁRIO

1.	
INTRODUÇÃO.....	12
2. I CAPÍTULO- UMA ESCRITA DAS MEMÓRIAS QUE MARCARAM OS INÍCIOS DE MINHA VIDA.....	20
2.1. Retalhos de minha história: Tecendo narrativas com fios de saudade.....	21
2.2. O município de Cubati.....	23
2.3. Apresenta-se o autor.....	24
3. II CAPÍTULO- ESCOLA MUNICIPAL CECILIANO GOMES: MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS NO PRIMEIRO CICLO DO ENSINO BÁSICO:	37
3.1. Voltando no tempo através da memória: Lembranças de minha formação inicial no meio tradicional de educação.....	37
3.2. Aqui dentro eu sou o pai e a mãe de vocês.....	44
3.3. O modelo tradicional de ensino no Ceciliano Gomes.....	56
4. III CAPÍTULO- “ESTUDO DE POBRE NÃO SERVE PARA NADA” (RE) SIGNIFICANDO MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO.	62
4.1. Caminhos formativos que trilhei: Do colégio Municipal Padre Simão Fileto a Universidade Federal de Campina Grande.....	63
4.2. O Curso de História da UFCG.....	71
4.3. Histórias minhas histórias; dias de lutas quase sem glórias.....	76
4.3. Experiências vivenciadas no Programa de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) subprojeto História 2018-2019.....	79
4.4. Pibid como experiência transformadora na formação docente: Docência compartilhada em sala de aula.....	85
4.5. Viagem a UFCG campus Cajazeiras.....	89
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
6. REFERÊNCIAS.....	97

INTRODUÇÃO

O presente relato constitui-se como uma escrita de si através de fragmentos das memórias e experiências vividas por mim desde meandros da infância até o tempo presente, partindo da vivência familiar e educacional desde 2003 alongando-se as vivências no curso de História da Universidade Federal de Campina Grande.

Na oportunidade, pretendo refletir sobre alguns fragmentos de minha história de vida, partindo desde a época de minha infância, enquanto membro de uma família bastante pobre, residente no Seridó Oriental Paraibano, na zona rural do município de Cubati. Por conseguinte, também evidencio a minha formação no âmbito educacional, desde a inserção na Escola Ceciliano Gomes em 2003, passando pelos Colégios Padre Simão Fileto e Iolanda Tereza Chaves de Lima até o Curso de História da UFCG. Com relação às experiências na Universidade, chamo atenção para a minha participação no PIBID (Programa de Bolsas de Iniciação a Docência), sobretudo mediante a prática de ensino possibilitada pelo referido projeto durante a docência compartilhada em sala de aula.

Para composição deste trabalho foi necessário muita reflexão, sendo preciso rabiscar, rasurar, resumir, organizar, escolher, separar, descartar e escrever as lembranças de maneira a possibilitar melhor compreensão dos fatos narrados. Sendo assim, nesse processo tive que fazer muitas escolhas, principalmente o que iria e o que não iria contar acerca de minha história de vida. Nesses momentos seletivos marcados por reflexões e análises profundas, foi de fundamental importância entender que assim como diz Larrossa

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos dias que correm: parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LAROSSA, 2002, p.24).

De acordo com a citação acima, percebemos que Larossa incisivamente nos mostra que nos dias atuais as coisas se movimentam e ocorrem tão freneticamente e o curso de nossa vida segue tão aceleradamente que são raros os momentos em que conseguimos parar um pouco para refletir acerca de determinadas questões, prestar atenção em detalhes do mundo que nos rodeia, ouvir as pessoas próximas e até mesmo

distantes e principalmente olhar para dentro de nós mesmos, ouvir a nossa própria voz interior e refletir acerca de nossas próprias questões, vivências e experiências. De acordo com o autor vivemos tão mecanicamente que embora presenciemos diversificadas situações em nossos dias vividos, poucas coisas nos tocam, nos cativam ou chamam intimamente nossa atenção de maneira tão marcante que possamos considerar tal toque como experiência.

Durante a escrita desse texto percebi que Larossa estava impecavelmente correto quando nos incentiva há pararmos um pouco e observamos as coisas com mais cuidado e atenção, demorando-se nos detalhes dos acontecimentos e vivências de maneira a conseguirmos analisar, compreender e entender por vários ângulos nossas experiências, escutando nossas próprias vozes, que as vezes são muitas e insistem em falar todas ao mesmo tempo.

Nossas experiências falam, nos inquietam e possibilitam que a cada análise, a cada reflexão sejamos tocados de maneira diferente. Cada vez que analisamos uma experiência vivida por nós, retiramos destas novas percepções, aprendizados etc. À medida que analiso acerca dos quadros de minha vida sempre aprendo uma nova lição, observo um aspecto diferente, retiro experiência da própria experiência.

Mediante a isto, de acordo com Silva tratando acerca do método autobiográfico percebemos que este tem uma importância significativa principalmente no tocante ao relatar experiências, pois

Não se limita a desvelar os momentos e os aspectos formativos de nossa vida, sobretudo de nossa vida educacional e pedagógica: ele próprio tem uma dimensão formativa, auto transformativa [...] a autobiografia tem um objetivo libertador, emancipador. Ao permitir que se façam conexões entre o conhecimento escolar, a história de vida e o desenvolvimento intelectual e profissional, a autobiografia contribui para a transformação do próprio eu. (SILVA, 1999, p.43-44).

Entendo como interessante e verdadeiro quando Silva nos diz que a autobiografia tem um caráter auto transformativo, percebi isso para além da fala escrita de Silva, vivenciei esse processo auto transformativo durante a construção deste texto, refleti acerca de muitas experiências, mudei certas visões e observei bastantes coisas através de outros ângulos e aspectos. A autobiografia nos permite fazer conexões entre diferentes vivências e experiências presenciadas em épocas diferentes de nossa caminhada de vida, assim analisamos no presente vivenciado experiências vividas em épocas passadas mais ou menos recuadas no tempo e se assim quisermos analisamos as

vivências presentes e nesse interim vamos nos autotransformando, libertando e emancipando.

Seguindo nossa escrita, ainda refletindo acerca da escrita pessoal, dialogamos com Ângela de Castro de Gomes quando trata acerca da escrita de si, entendendo que

a escrita auto referencial ou escrita de si integra um conjunto de modalidades do que se convencionou chamar produção de si no mundo moderno ocidental. Essa denominação pode ser bem mais entendida a partir da ideia de uma relação que se estabeleceu entre o indivíduo moderno e seus documentos. (GOMES, 2004, p.09).

Considero como importantíssima às considerações de Ângela de Castro Gomes quando trata acerca da escrita auto referencial ou escrita de si. Principalmente quando a autora nos apresenta a ligação entre a escrita de si e os documentos particulares do autor compostos por uma gama de objetos que podem contar e contam fragmentos da própria história de vida do indivíduo, por mais simples que sejam tais documentos, como por exemplo, uma foto, um álbum de família, uma carta, uma frase escrita e já borrada em um papel amarelado pelo tempo etc. Essas fontes pessoais contém partes da história de vida das pessoas, desta forma são importantíssimos e nos possibilitam reviver momentos, tecer reflexões, recordar, analisar, transformar e autotransformar posicionamentos, sentir cheiros, calor de abraços, ler sorrisos, sentir saudade ao lembrar de bons momentos ou de alguém que partiu etc.

Assim “os indivíduos e os grupos evidenciam a relevância de dotar o mundo que os rodeia de significados especiais, relacionados com suas próprias vidas, que de forma alguma precisam ter qualquer característica excepcional para serem dignas de ser lembradas.” (GOMES, 2004, p.11). Os documentos pessoais por mais simples que possam parecer, podem e carregam importantes lembranças, memórias tocantes e podem ter um valor sentimental muito grande. Durante a composição deste texto eu pude sentir o grande valor dos documentos pessoais e como eles são importantes. Ainda nos valendo das considerações de Gomes (2004), entendemos que

Essas práticas de produção de si podem ser entendidas como englobando um diversificado conjunto de ações, desde aquelas mais diretamente ligadas a escrita de si propriamente dita, como é o caso das autobiografias e dos diários, até a da constituição de uma memória de si, realizada pelo recolhimento de objetos materiais, com ou sem a intenção de resultar em coleções. É o caso das fotografias, dos cartões postais e de uma serie de objetos do cotidiano que passam a povoar e a transformar o espaço privado [...] em um “teatro da memória.” (p.11).

Para que os documentos pessoais sejam importantes não é necessário que compoñham uma coleção, um simples objeto pode ter muita história para contar, falando sem ter boca e nem voz, sua simples presença as nossas vistas é o fundamental para que o ouçamos falar. Esses documentos íntimos emocionam simplesmente pela presença que gera recordação, análise, reflexão, nos fazem pensar nas palavras que não foram ditas, ou nas que foram e não deviam ter sido.

Assim, nesse “teatro da memória” esses documentos pessoais têm importância salutar, eles são os textos que podemos ler para então contracenamos nas cenas da vida, são roteiros do filme de nossa existência que já foram vividos, que podem ser revividos, lembrados, revisitados, adaptados e ressignificados. Esses documentos pessoais a meu ver são ou configuram-se como memórias que nos remetem a experiências ou mesmo experiências que nos fazem visitar nossas memórias.

Tratar acerca de memória, principalmente no âmbito de uma escrita de si é uma atividade muito delicada, pois, mexe com o subjetivo do escritor, com os sentimentos e emoções, com os bons e maus acontecimentos, com as lembranças doces e também amargas.

Esse é um conceito por si só muito diverso, podendo ser do tipo memória nacional, memória do trauma, memória silenciada, memória social etc. Nesta oportunidade, fazemos uso do conceito de Memória Coletiva, tal qual discutido por HALBWACHS (1990) para quem a memória é coletiva e não individual, não importando que se tratem de acontecimentos que estivemos envolvidos sozinhos. De acordo com Halbwachs (1990, p.26) “Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se tratem de acontecimentos nos quais só nos estivemos envolvidos, e com objetos que só nos vimos”.

De acordo com SCHIMIDT MAHFOUD (1993), Halbwachs defende que “o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência, a memória é sempre construída em grupo, mas é também, sempre, um trabalho do sujeito”. Nessa perspectiva

O grupo de referência é um grupo do qual o indivíduo já fez parte e com o qual estabeleceu uma comunidade de pensamento, identificou-se e confundiu o seu passado. O grupo esta presente para o indivíduo não necessariamente, ou fundamentalmente, pela sua presença física, mas pela possibilidade de que o indivíduo tem de retomar os modos de pensamento e a experiência comum próprios do grupo. A vitalidade das relações sociais do grupo dá vitalidade às imagens, que constituem a lembrança. Portanto, a lembrança é sempre fruto de um processo coletivo e esta sempre inserida num contexto social preciso. (SCHIMIDT; MAHFOUD, 1993, p.288).

Desta maneira, falar acerca de tais memórias e experiências nem sempre é uma tarefa fácil, pois exige o relembrar de lembranças muitas vezes não muito agradáveis de serem recordadas. A cada palavra escrita surgem cenas e mais cenas diante de nossos olhos que de tão reais e encrustadas em nosso interior parecem palpáveis de tão vivas e fortes que são. Assim, os flashes de momentos e acontecimentos nos fazem viajar entre quadros de memórias boas e também ruins, que nos marcaram ao longo da vida, uns acontecidos mais outros menos. São muitas as experiências que guardamos em nosso interior, várias vezes são simples momentos, mas que possuem a capacidade de nos tocar profundamente. Para discutirmos acerca do currículo no meio tradicional de ensino, nos valem das contribuições de Maria das Graças Nicoletti Mizukami (1986).

As fontes nas quais me amparo durante a escrita do presente texto, para além de minhas memórias, constituem-se em fotografias, as quais representam em grande parte a alma deste trabalho. Entendemos assim que “quando contemplamos uma fotografia não nos cingimos apenas a essa fotografia. A nossa memória remete-nos para outras lembranças, imagens, expressões típicas e até outros cheiros, que já não fazem parte de nosso cotidiano e que são reavivados pelas fotografias que vemos” (Antunes, 2015, p.12).

Quando nós observamos uma fotografia muitas análises e pensamentos sobrevêm a nossa mente, principalmente quando esta foto representa vivências pessoais nossas ao longo de nossa existência. Através do observar uma imagem é possível lembrar-se de acontecimentos que até já tínhamos esquecido. A fotografia reaviva nossa memória, reaviva nossas lembranças e assim podemos com incrível profundidade reviver momentos, cenários, ocasiões especiais ou não, bons e até mesmo ruins.

Nas páginas seguintes, principalmente nos capítulos I e II o leitor encontrará algumas fotografias pessoais minhas que contam parte da minha história de vida. Enquanto eu analisava essas imagens para compor o portfólio fotográfico deste relato eu pude experienciar um olhar diferente com relação às fotos, de uma maneira tal que eu nunca tinha observado antes. Assim como os objetos pessoais, as fotos são importantes fontes históricas que organizam e possibilitam que visitemos e revisitemos as páginas de nossa vida. Eu observo as fotografias como obras de arte, assim como o pintor desenha com um pincel, o fotógrafo, com sua câmera através de um ângulo profissional ou mesmo amadoramente, captura sentimentos, momentos felizes em família ou entre

amigos, como também momentos difíceis, de uma forma ou de outra, fotografias podem ser e são elos entre o tempo que passou e alma daquele que vivenciou momentos que a imagem não lhe permite esquecer.

Também utilizo a história oral, na oportunidade em que realizo uma entrevista com minha primeira professora, a docente Lúcia de Fátima Guedes Guimarães, na respectiva ocasião a entrevista volta-se a temática concernente os anos em que estudei na Escola Ceciliano Gomes, localizada na zona rural do município de Cubati. De acordo com Verena Alberti

A história oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com atores e testemunhas do passado. [...] A partir das décadas de 1970-1980, apresentou-se um novo quadro na pesquisa histórica: temas contemporâneos foram incorporados à história (não mais reservada ao estudo dos períodos mais remotos); valorizou-se a análise qualitativa; experiências individuais passaram a ser vistas como importantes para a compreensão do passado (às vezes mais significativas do que as grandes estruturas como os modos de produção); houve um impulso da história cultural e um renascimento da história política (esta última não mais a história dos “grandes feitos” dos “grandes homens”, mas o locus privilegiado de articulação do social, a ação dos atores e de suas estratégias) e revalorizou-se o papel do sujeito na história – portanto, da biografia. O relato pessoal (e a entrevista de história oral é basicamente um relato pessoal) transmite uma experiência coletiva, uma visão de mundo tornada possível em dada sociedade. (ALBERTI, 2000, p.1-2).

Percebemos que através da história oral é possível ao sujeito contar, refletir e problematizar acerca dos quadros de sua própria história, principalmente durante a escrita de uma biografia ou de uma escrita de si. Nesse processo percebemos aflorar as emoções e sentimentos mais íntimos das pessoas, pois o narrar a si mesmo ou acerca de vivências e experiências pessoais mexe com a subjetividade, com o íntimo, com o pessoal, com as memórias que deixaram cicatrizes ao longo de nossa existência. Nesse sentido

Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos pareçam obscuras. (HALBWACHS, 1990, p.25).

Mediante a essas questões, percebemos que

A história oral não se debruça sobre um arquivo morto; os vestígios de que se utiliza não são fixos, como para as outras ‘Histórias’, não são ruínas passíveis de dissecação, mas memórias vivas de indivíduos precisos, que as produzem segundo as demandas do oralista. (GUARINELLO, 1998, p. 62-63).

Nas produções acerca de si podemos perceber uma grande carga emocional, composta pelos mais variados sentimentos, isto ocorre porque as memórias e experiências são vidas e dessa forma parecem palpáveis, são tocantes, somos arquivos vivos, não objetos mortos ou inanimados. Nossas memórias são vida vivida, vivências que pode ser revividas, revisitadas, ressignificadas através da oralidade, da reflexão, do contar sobre si ou do expor enredos de nossa vida.

No presente texto, busco responder aos seguintes questionamentos: Em primeiro lugar, pretendo compreender como se configurou minhas experiências no âmbito educacional, mediante as vivências experienciadas nas diferentes escolas onde estudei. Busco entender como me constitui enquanto estudante de escola pública rural durante o ensino fundamental I, bem como a maneira como fui pedagogizado no referido ambiente educacional. E finalmente como o curso de História da UFCG, principalmente mediante a participação no Pibid contribuíram em minha formação docente.

Este relato encontra-se estruturado em três capítulos. No primeiro busco narrar minha história de vida, partindo da época e das vivências que presenciei e experienciei ainda durante a infância enquanto membro de uma família composta por agricultores pobres residentes no município de Cubati. Mostro a maneira e as condições em que vivíamos em um quadro de grande pobreza e muita dificuldade e como o estado brasileiro relegava, sobretudo naquela época as pessoas a miséria e a vulnerabilidade financeira e social em vários âmbitos.

No segundo capítulo analiso minha trajetória a partir de minha inserção no meio educacional oficial, iniciando no ano 2003 época em que adentrei como estudante na Escola Municipal Ceciliano Gomes até 2007, ano em que conclui o primeiro ciclo do ensino básico no mesmo estabelecimento de ensino. Mostro a realidade experienciada no respectivo grupo escolar rural, o dia-dia letivo na instituição, o qual era, sobretudo, delimitado pelos enquadros do modelo tradicional de ensino, alvo de reflexões críticas no presente estudo.

No terceiro capítulo abordo acerca de parte de vivências e experiências que vivi enquanto estudei no colégio municipal Padre Simão Fileto entre 2008 e 2011, seguindo do período em que fui aluno na Escola Estadual Iolanda Tereza Chaves de Lima onde cursei do nono ano do ensino Fundamental ao terceiro ano do ensino médio. Finalmente, neste mesmo capítulo, busco refletir acerca das vivências experienciadas no Curso de História da Universidade Federal de Campina Grande, sobretudo no que tange

a minha participação no PIBID (Programa de Bolsas de Iniciação à Docência) buscando entender e apresentar a importância do referido projeto educacional na formação docente, bem como, a contribuição do mesmo em minha formação como professor.

I CAPÍTULO- UMA ESCRITA DAS MEMÓRIAS QUE MARCARAM OS INÍCIOS DE MINHA VIDA

“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. (Jorge Larossa)

As experiências vividas, as histórias de vida, a memória coletiva e pessoal emergem quando relembramos o passado. Desta maneira, quando (ré) visitamos as experiências presentes em nossos quadros mentais de memórias torna-se possível engendrar as cenas que compõe nossa existência.

Precisamos compreender que nossa mente é seletiva e não consegue armazenar todas as ocorrências que nos acontece ao longo da vida. Mantemos muitas das vezes, como diria Larossa “aquilo que nos toca”, que nos marca, que nos cativa. Guardamos os acontecimentos mais importantes, as datas especiais etc. Assim, uma das maneiras mais eficientes de preservarmos nossas memórias para além de nossa mente ou até mesmo de nosso tempo é através da escrita autobiográfica. Sendo necessário entender que no exercício de escrita acerca de si, dialogando com Philippe Arthières (1998)

arquivar a própria vida é se por no espelho, é contrapor a imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do próprio eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência. (ARTHIÉRES, 1998, p.11).

E nesse processo de arquivamento do próprio eu, selecionamos as nossas memórias mais importantes, mais marcantes, mais tocantes, entendendo que o que eu escrevo sobre mim gera uma imagem ou várias imagens acerca de minha pessoa, por isso, “não só escolhemos alguns acontecimentos, como os ordenamos numa narrativa; a escolha e classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar as nossas vidas” (ARTHIÉRES, 1998, p.11). Também se torna necessário compreendermos que, de acordo com Arthières (1998)

Não pomos nossa vida em conserva de qualquer maneira; não guardamos todas as macas da nossa cesta pessoal; fazemos um acordo com a realidade; manipulamos a existência, omitimos, rasuramos, damos destaque a certas passagens. (ARTHIÉRES, 1998, p.11).

Para escrevermos sobre nós, precisamos vasculhar nossos arquivos de memórias do passado e os ressignificamos no presente, buscando sempre ordenar fatos e

acontecimentos de maneira que possamos dar um sentido para nossa narrativa. Nesse processo escolhemos as passagens que acreditamos serem mais importantes, mais especiais, também omitimos outras, por algum motivo que não achamos necessário relatá-las.

Nos últimos meses tenho realizados esse movimento de rememoração, fazendo rascunhos, buscando ordenar as memórias e experiências e a cada nova linha escrita eu me encontro comigo mesmo em meus próprios pensamentos, memórias e experiências. Encontro-me comigo na época de minha infância, também na adolescência e agora na fase adulta, eu me encontro comigo ontem e amanhã possivelmente eu irei me encontrar com quem eu fui hoje.

Retalhos de minha história: Tecendo narrativas com fios de saudade



Figura1: O abaporu, Tarsila do Amaral¹.

É sempre difícil começar a escrever quando temos de falar de nós mesmos, de nossas vivências, emoções e experiências. É sempre difícil revisitar o passado, passear pelas tramas que embalaram nossa existência e permearam a construção de nosso ser tanto interior como exterior, escrevo dessa forma porque creio que o que mostramos exteriormente é um reflexo do que guardamos internamente.

Fazendo uso das afirmações de Michel de Certeau (1982) quando trata acerca da Escrita da História, podemos destacar a referência que o autor faz no que diz respeito à importância de se observar e analisar o lugar social dos sujeitos que escrevem alguma

¹¹ Acesso em 05/12/2022. Disponível em <https://www.culturagenial.com/abaporu/>

obra, que compõem um texto, pois “toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural” (CERTEAU, 1982, p.66).

Dessa forma, ao analisarmos o lugar social podemos observar e tecer considerações acerca de quais aspectos influenciaram a escrita, por quais caminhos a pesquisa foi conduzida e principalmente através de quais motivações e objetivos. Partindo desta premissa, enfocando a importância do lugar social, irei neste capítulo abordar minha história de vida iniciando a partir de minhas vivências experienciadas a partir da época de minha infância, antes mesmo de ter os primeiros contatos com o meio educacional oficial. Escrevo os quadros de vivência familiar nos quais estive inserido enquanto membro de uma família rural muito pobre do Seridó Oriental paraibano, residente nos sítios Cacimbão e Boa Esperança, município de Cubati.

Acredito que o leitor neste momento está se perguntando qual o sentido da imagem colocada no início deste tópico, pois bem, agora explicarei. A primeira vez que tive contato com a obra exposta acima, foi na época em que eu estava cursando o ensino fundamental I na escola de ensino básico Ceciliano Gomes, não lembro exatamente qual série eu estava cursando, mas acredito que foi na terceira. Descobri a imagem desse famoso quadro enquanto folheava o livro didático, se não me engano, o livro de português, esta imagem se encontrava como parte de uma questão de análise de texto. À primeira vista fiquei intrigado com aquele ser estranho ali retratado, tão desforme e tão desigual em seus contornos corporais, com pés e mãos muito grandes e uma cabeça minúscula, muito pequena.

Na época eu não conseguia interpretar o porquê daqueles contornos, nem a importância da obra em si, muito menos das mensagens que ela visava transmitir. Mas, observei que se tratava de um cenário que me remetia a minhas vivências e experiências desde anos passados, principalmente pela presença do sol brilhando fortemente e também pelo cacto ao lado do humano retratado. Eu imaginei que aquele era um homem nordestino, que estava triste por causa da seca que assolava sua terra, pensei que ele havia perdido a lavoura, que tudo havia murchado e morrido por causa do sol forte, talvez ele não tivesse água para seus animais, ou mesmo que eles poderiam ter morrido de sede. Talvez isso fosse a explicação para a sua aparente melancolia. Inclusive esse sentimento não me era muito estranho, tudo aquilo eu também já havia vivido e talvez por isso eu entendesse tão bem aquela imagem.

Com o passar do tempo pude compreender melhor essa marcante obra. O abaporu, da genial Tarsila do Amaral. Até os dias atuais essa pintura me faz observar e refletir acerca de meu lugar social, enquanto nordestino e agricultor e pertencente a um meio que valoriza muito o trabalho braçal e na mesma medida ou de maneira até mais forte desvaloriza o trabalho intelectual, a educação, o pensamento crítico. Assim como o homem pintado por Tarsila, minha gente brota da terra, semelhante a um cacto. Dessa forma, planta e gente tiveram de se adaptar ao meio ambiente, ao clima seco e aos períodos de grande estiagem.

Por isso, nesse primeiro capítulo, busco mostrar os sinais dessa resistência, à medida que conto minha história e a de minha família, que direta ou indiretamente também é a história da maioria das famílias de minha comunidade, para tal utilizo-me além de minhas memórias, fotografias das casas de taipa em que morei e também de objetos que marcaram os engendros de meu passado.

O município de Cubati²

Dada a importância de tratar inicialmente acerca do lugar social do autor, apresentarei inicialmente algumas características acerca do município de Cubati, onde nasci e vivo até os dias correntes, o qual, de acordo com (SOUTO, 2012)

encontra-se localizada na região do Seridó Oriental Paraibano (Brasil), a 214 km da Capital (João Pessoa) e a mais de 85 km de Campina Grande, principais cidades paraibanas. Com área territorial de 137,2 Km² faz divisa ao norte com Pedra Lavrada, ao sul com Olivedos, ao leste com Barra de Santa Rosa e Sossego e ao oeste com São Vicente do Seridó. O

² Cubati teve seu nascedouro no início do século XX graças a uma doação de terras feita por Manoel Maria de Barros, um ex-escravo que por ter prestado alguns serviços extras ao seu dono, Joaquim Gurinhém ganhou, do mesmo a carta de alforria, juntamente com uma parte de sua propriedade. Até então, no território onde hoje é Cubati, existiam apenas três casas na fazenda Canoas. Antes da doação de parte de suas terras que corresponde, hoje, às quatro avenidas do centro da cidade, o ex-escravo Manoel M. de Barros construiu, em 1912, uma capela para servir de encontro dos moradores e, em seguida, adquiriu uma imagem de São Severino Bispo. Outro acontecimento que faz parte da história da cidade e contribuiu para o surgimento desta, foi a tentativa de efetivar a primeira feira, ocorrida em 1913. Todavia, devido a várias circunstâncias, a feira não progrediu. Contudo, só em 1924, com a intervenção do influente P.e Simão Fileto, o qual tornou-se personalidade de sustentação no progresso do povoado, foi possível a concretização da feira no povoado Canoas, realizada no dia 2 de fevereiro, onde, atualmente, é a praça central da cidade. A realização desta feira livre abriu possibilidade de expansão para o comércio que foi evoluindo com os anos (ROCHA, 1995, p. 4). Em 1938, foi aprovado, na Câmara Municipal de Picuí, o projeto do vereador Francisco Vasconcelos de elevar o povoado Canoas à Vila de Cubati, através da Lei nº1. 164. Neste mesmo ano a atual igreja Católica da cidade realizava sua 1ª missa, ainda sem ter finalizado sua construção, a qual se deu em um local diferente da capela construída por Manoel M. de Barros). A vila continuou ganhando novos moradores e o status de vila já não correspondia à movimentação financeira e social do lugar. Com isso, alguns homens considerados os representantes das famílias mais importantes do local, se juntaram ao deputado Geroncio S. da Nóbrega e convenceram o governador da Paraíba, Pedro Moreno Gondin, a emancipar a Vila de Cubati, tornando-a cidade de Cubati. (SOUTO, 2012, p. 27-28).

nome Cubati tem sua origem na língua Tupi-Guarani, falada pelos nativos que antes habitaram este território. Com relação ao seu significado existem controvérsias, dentre as quais considera-se a versão que mais se aproxima da realidade a de que segundo estudiosos da Toponímia paraibana, a palavra significaria “rio de água salobre”, justificando o porquê dos nativos, que aqui viveram, chamar o Rio Seridó de Rio Cubaty. (p.30).

Cubati é uma cidade do interior da Paraíba de clima agradável, típico interiorano, cidade tranquila e acolhedora que apesar de não ser muito grande e muito menos possuir atrações turísticas destaca-se na região e orgulha-se de ser chamada Capital do Super Cross. Acerca deste importante evento característico de Cubati, entendemos que foi

No início dos anos 90 que a cidade começa a realizar uma das maiores festas da região que logo tornou-se tradição. O Super Cross ou Enduro de Moto Cross é a maior representação turística da cidade, festividade bastante significativa por ser realizada na data do aniversário de emancipação política da cidade e por receber milhares de visitantes durante o evento. Foi desenvolvido em 1991 pelo empresário Josinaldo Vieira, em parceria com o Cruzeiro Esporte Clube, apoiados pela prefeitura municipal da cidade. Inicialmente, o evento acontecia na zona rural, mas com a crescente demanda de turistas foi deslocado para um espaço dentro da cidade. (SOUTO, 2012, p.35).

Atualmente as festividades do Super Cross de Cubati ocorrem no mês de julho que é o mês de aniversário de emancipação política da cidade. A festa inicia na sexta-feira à noite e perdura até o domingo, nesse interim ocorrem concursos como, por exemplo, a Garota Super Cross e também apresentações de bandas de música. No domingo ocorre a corrida de moto Cross e à noite uma grande festa encerra as comemorações na praça central da cidade. Todos os anos o Super Cross reúne milhares de pessoas vindas de muitos municípios da Paraíba e de estados vizinhos e até mesmo da região Sudeste.

Também é uma cidade muito conhecida por causa da extração de minério (betonita). A maior parte da população é pobre e grande parte vive desempregada sendo assistida por programas governamentais de transferência de renda a exemplo do Bolsa Família.

Apresenta-se o autor

Eu nasci no dia 29 de Abril de 1996 por volta das 23 horas no Hospital e Maternidade Maria Lídia Gomes na cidade de Cubati estado da Paraíba. Filho de Damiao Martins de Oliveira e Verônica Alves de oliveira, neto de Sebastiao Martins de

Oliveira e Maria Jovem de Oliveira (avós paternos) e Luiz Jorge dos Santos e Maria das Neves Alves Santos (avós maternos), sou o mais velho de três irmãos, nasci saudável, pesando aproximadamente três quilos e meio, e em minha primeira noite de vida minha avó paterna que estava cuidando de minha mãe e de mim conta que eu chorei a noite inteira, juntamente com outro recém-nascido que estava no mesmo quarto, ela relata que não dormiu um cochilo.

Sou de família pobre, desde que nasci até por volta dos 14 anos de idade morei em casa de taipa, por muitos anos sem energia elétrica e sem acesso a eletrodomésticos como televisão, geladeira, fogão a gás, ferro elétrico etc. Nessas casas de taipa em que residi principalmente na época de minha infância a situação era bastante precária.

A trajetória de vida de meus avós e de meus pais foi bastante sofrida e marcada por muitas dificuldades. Para conseguir o sustento eles tinham que obrigatoriamente, além de trabalhar nos roçados na época das chuvas, ocupar-se também nos cortes de lenha para cerâmicas que existiam na região ou caso não estivessem desenvolvendo a extração de madeira restava-lhes os motores de agave onde buscariam ganhar o sofrido ordenado o qual na maioria das vezes era insuficiente para comprar todos os itens necessários para passar a semana comendo bem, sendo possível adquirir apenas os produtos de maior necessidade, como café, feijão, rapadura, açúcar e farinha.

Também era costume de meu avô e meu pai trabalharem fazendo carvão vegetal, o qual após pronto era ensacado e levado por eles em bicicletas para ser vendido na cidade. Algumas vezes eles também levavam galinhas ou perus para vender na feira municipal realizada aos sábados pela manhã na cidade de Cubati. Quando eu era criança meu avô criava umas cabras, com o leite das quais eu me alimentava.

Outra grande dificuldade que enfrentávamos era em relação à disponibilidade de água potável para consumirmos, visto que, somente tínhamos disponível a água barrenta que ajuntava nos barreiros de meu avô na época das chuvas. Contávamos com dois desses reservatórios em nossa propriedade, mas como eram de pequeno porte secavam pouco tempo depois de encerrado o período chuvoso.

A água que juntava nos barreiros não era de boa qualidade, muito pelo contrário era contaminada e cheia de pequenos seres que víamos a olho nu, como girinos, sapos e rãs adultos e outros insetos, além de muitos cágados e os guaxinins que durante a noite vinham procurar alimento na água o que fazia com que ficasse ainda mais baldeada, também tinha um forte cheiro e gosto de lama que aumentava por causa das plantas que

em multidão cresciam recobrando toda a superfície da água. Em casa após colocar a água nos potes adicionávamos certa quantidade de hipoclorito de sódio, que era deixado em nossa casa pelo agente de saúde que nos visitava mensalmente. Quando faltava essa substância, visto que apenas eram entregues dois frascos insuficientes para tratar a água durante todo o mês, bebíamos conforme coletávamos no barreiro, apenas coávamos em um pano para separação das fuligens presentes.

O cenário com relação à água começou a mudar no primeiro mandato do então presidente Luís Inácio Lula da Silva, quando começaram a ser construídas cisternas de placas nas propriedades rurais. Para nós foi uma riqueza muito grande, visto que as cisternas comportavam uma boa capacidade de água (por volta de 16 mil litros). No período chuvoso as cisternas transbordavam e durante o período de estiagem tínhamos água de boa qualidade disponível.

Lembro-me da caminhonete branca da SUCAN (Fundação Nacional de Saúde) que chegava quando menos esperávamos. Era uma visita desagradável e constrangedora principalmente para minha mãe e minha avó, que ficavam bastante envergonhadas por causa da nossa mobília que além de pouca e muito simples era também precária. Nós chamávamos aqueles profissionais de “os higiene”, os quais vinham a procura de pulgas e barbeiros e com uma lanterna ligada em mãos percorriam todos os cômodos da casa revirando o que encontravam pela frente.

Além da caminhonete da SUCAN, outra visita também indesejada era dos políticos na época das eleições, éramos lembrados e queridos a cada dois anos e esquecidos também por igual período. Quando começava o período da campanha eleitoral municipal, muitos candidatos a vereadores vinham em nossa residência e ao observarem a situação em que vivíamos as propostas eram sempre as mesmas. Em troca de votos sempre costumavam prometer tijolos, cimento, telhas e madeira, etc. Diziam que se votássemos neles nos mandariam esses itens, após passadas às eleições. Passavam as eleições e eles não cumpriam com o prometido. Nas eleições governamentais repetia-se o mesmo processo.

As promessas dos candidatos a prefeito eram mais audaciosas, prometiam que iriam construir casas de tijolos de alvenaria e derrubar as casas de taipas, pois, segundo eles aquilo “não era casa de gente”. Embora não fosse casa de gente, eles sentados em tamboretas em volta de uma pequena mesa de tábuas, chegavam até a comer do que

tivesse preparado, ainda que fosse caldo de feijão com farinha, aparentemente alegres e satisfeitos como se estivessem se alimentando com a melhor das iguarias.

Passado o pleito, continuávamos morando nas velhas casas de pau-a-pique. Não era vantajoso para eles cumprir a promessa de construir uma casa nova para gente, caso ocorresse na próxima eleição não teriam mais essa cartada para usar como proposta para tentar comprar nosso voto.

Parece que estou vendo esse quadro de meu passado. Enquanto escrevo, as imagens vêm uma após outra, e posso contemplar um cenário nostálgico, principalmente no que se refere à chegada da noite. Como não tínhamos energia elétrica, ainda durante a tarde minha avó recarregava as lamparinas com gás, pois quando escurecesse elas seriam nossas luminárias.

A comida no velho fogão a lenha era preparada mais cedo, para que ficasse pronta ainda de dia, pois a noite era ruim de cuidar em comida visto que a luz proporcionada pelas lamparinas não era suficiente. Ficávamos alumando o chão a quase todo momento, pois as cobras (jararacas, coral, cobras pretas) aranhas de diversos tipos, ratos, caranguejeiras, chupões, carochas, baratas, escorpiões, lacraias e os temidos barbeiros, nos visitavam costumeiramente, sem falar da fumaça tóxica produzida pela queima do gás utilizado nas lamparinas para produzir o fogo que nos iluminava.



Figura 2: Lamparinas a gás que utilizávamos para iluminação até meados do ano 2003.
Fonte: Elaborada pelo autor, 2022.

Muitas vezes quando olho para as velhas casas de barro em que morei muitas memórias marcantes vem em minha mente, viajo pelas vivências que tive naqueles ambientes e das experiências que de tão fortes parecem encravadas dentro de meu ser da tal maneira que ainda que eu quisesse mesmo com muito esforço não conseguiria arrancá-las de dentro de mim.

As paredes amarronzadas e cheias de frestas, morada de aranhas e cupins guardam muita história, contém sentimentos e arquivos de vida. Quando adentro em

uma delas parece que o passado vai ganhando vida. Recordo-me dos bons momentos vividos, da alegria que tínhamos naquele ambiente de muita simplicidade, até mesmo sinto saudade da época que na hora do almoço sentávamos no chão mesmo e ali almoçávamos sentido a brisa que entrava pela porta espantando um pouco do calor do meio dia.

As comidas que tínhamos não costumavam variar. Costumeiramente, no almoço nos alimentávamos com feijão, via de regra macassa com farinha e arroz ou macarrão. Minha avó só preparava um item desses por vez, se tinha macarrão no almoço, na janta comíamos arroz e vice versa, nunca os dois juntos, assim segundo ela os itens rendiam mais. Geralmente as misturas eram compostas por miúdos bovinos, meu avô comprava, quando podia cabeça de boi, bucho, bofe, tripas, cabeça de porco, de bode ou de ovinos etc. Essas carnes eram colocadas dentro da panela para temperar o feijão. A noite quando tinha fubá, minha avó preparava para acompanhar o jantar, um cuscuz, que tinha de ser dividido entre nós e os cachorros. Quando não fazia cuscuz, preparava um angu.

A variedade era maior na época das colheitas dos gêneros cultivados no roçado. Nesse período tínhamos disponível feijão verde, fava verde, milho verde etc. Preparávamos muitas pamonhas, angu, canjica etc. quando tinha algum frango ou galinha caipira minha vó sacrificava esporadicamente para nossa alimentação. Ela costumava criar galinhas com a finalidade de procriação, quando as galinhas reproduziam, os pintinhos eram criados até estarem no ponto de serem vendidos. Com o dinheiro obtido ela comprava alguma peça de roupa para mim ou um calçado.

Juntamente com meus avós paternos eu trabalhei na construção dessas casas, cavei muitos buracos no chão onde seria colocada a madeira que daria sustentação as paredes e ao teto, preguei as varas de marmeleiro ou as ripas de pendão de agave que sustentariam o barro nas paredes, fui aos formigueiros buscar barro, amassei barro e tapei paredes. Esse processo de tapagem tinha de ser feito anualmente na parte externa, pois as chuvas derrubavam o barro das paredes e era necessário recolocar.

O interior de todas as casas de taipa em que morei seguia basicamente o mesmo padrão, sendo compostas por uma sala única (a qual chamávamos sala de fora), sala de jantar (que chamávamos sala do meio) dois quartos e uma cozinha. O piso era de barro, e o grande sonho era termos um piso de cimento. Em certa época meus avós e meus pais conseguiram com muito esforço comprar uns sacos de cimento para puxarmos o piso das casas de meus avós. Embora tivéssemos o cimento não tínhamos dinheiro para

pagar um pedreiro, então, meu pai mesmo fez o serviço. Após duas ou três semanas depois de pronto o piso começou a quebrar e descascar, piorando a situação, pois, com o cimento desmanchando e com a gente transitando por cima produzia muita poeira e era necessário ficar jogando água.

Não tínhamos banheiro dentro de casa. O banheiro ficava do lado de fora e afastado vários metros de casa. Geralmente era de avelóz³ ou cercadinhos arrodoados de palhas de coqueiro, de caixas de papelão desfeitas, de pendões de agave colocados em posição vertical um ao lado do outro ou mesmo de varas de marmeleiro ou maniçoba organizadas de igual modo. Naquele local, além das necessidades fisiológicas, também utilizávamos com a finalidade de tomarmos banhos.

Nesse molde, o banho era muito complicado. A água que ficava em potes dentro de casa era colocada em um balde ou bacia e em seguida levada até o banheiro, também era necessário posicionar uma tábua no chão onde ficávamos em cima para tomar o banho e evitar sujar os pés com terra, o que não adiantava muito, visto que quando a água caía no chão nos salpicava com terra, no caso terra bastante contaminada, terminando o banho, saímos para dentro de casa e no trajeto grudava ainda mais partículas de areia nas chinelas e nos tornozelos.

As paredes das casas eram tortas, grossas em uma parte, finas em outras mediante a madeira irregular com que eram construídas, além de muito baixas o que

³ O avelóz é uma planta muito conhecida na região Nordeste do Brasil, sobretudo no interior dos estados, pois, em épocas passadas fora muito utilizada como cerca viva, ainda sendo nos dias atuais, mas em menor proporção. Meus avós já me relataram que até mesmo nas cidades (a exemplo de Cubati e Soledade) o avelóz predominava até mesmo nas áreas urbanas. Eles me contam que como as coisas eram muito difíceis por volta dos anos entre 1960 a 1980 aproximadamente, a condição de vida das pessoas pobres era muito baixa, o que fazia com que dentro das cidades existissem muitas casas de taipa, sendo estas maioria, somente usufruía de uma casa de tijolos aqueles que eram abastados financeiramente. Como os moradores dessas casas de taipa não tinham condições de erguer um muro de alvenaria cercavam a casa com avelóz justamente porque esta planta se desenvolve rapidamente, formando um muro verde praticamente impossível de ser atravessado e também impede a visibilidade proporcionando desta forma privacidade aos moradores da residência. O avelóz apresenta uma capacidade de crescimento rápido, principalmente no período chuvoso onde ocorre sua floração e desenvolvimento mais considerável, por isso tem de ser podado regularmente. Durante a poda desta árvore é necessário muito cuidado, pois o avelóz produz uma seiva muito espessa e tóxica, quanto em contato com a pele provoca coceira, vermelhidão e possivelmente lesões e se o contato da seiva ocorrer com os olhos é grande a possibilidade de cegueira. O simples fato de tocar em um galho de avelóz é garantia de problema caso não lave muito bem a mão, se ocorrer contato com a boca provoca muita ardência e queimação e com os olhos irritação, ardência e coceira. O avelóz também foi muito utilizado na alimentação de animais, principalmente ovinos e caprinos. Lembro-me que nos período de grande estiagem, enquanto não havia outros vegetais disponíveis para a alimentação das cabras de meu avô era com avelóz que elas sobreviviam. Eu admiro essa planta, muitas vezes fico observando que em meio à vegetação acinzentada pela seca, no apse do calor do dia enquanto praticamente toda vegetação encontra seca ou desfolhada, o avelóz permanece verde, exibindo força e vitalidade.

fazia com que tivéssemos de andar abaixados em algumas partes, pois era de costume batermos a cabeça nos caibros e batentes superiores das portas.



Figuras 3 e 4: Ruínas da primeira casa de taipa que meus avós construíram, sítio Cacimbão
Fonte: Elaborada pelo autor, 2022.

Ao observar essas imagens sinto um misto de saudade e também de tristeza das coisas que vivi enquanto criança nesses espaços. Para mim as imagens falam ao nosso ser de muitas maneiras. Observando essas paredes despedaçadas pelo tempo, lembro-me das vezes que corri com meus irmãos brincando ao redor dessa casa, retorno no tempo, ouço minha voz e a deles também e a de minha mãe mandando a gente se aquietar, pois temia que caíssemos e acabássemos quebrando algum osso. Quando não rendíamos atenção a sua voz, de repente a avistávamos dobrando na esquina lateral com um cipó ou uma corda na mão, acabava-se a brincadeira e cada um de nós corria para o meio do roçado cada qual em uma direção diferente.

Sempre tivemos rádio, mas televisão demorou um pouco mais para ser adquirida. O primeiro aparelho de TV que meu pai conseguiu adquirir foi uma de imagem preta e branca no ano de 2002, as televisões de imagens coloridas eram muito caras nessa época.



Figura 5: Nosso primeiro aparelho de televisão.

Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Desde os meus três anos de idade que eu moro com meus avós, mas como as casas eram próximas eu assistia televisão na casa de meus pais. A imagem era péssima, em muitos momentos só era possível ouvir o som emitido pelo aparelho, mediante o muito chuva na imagem, também ocorria de começar a chiar muito impedindo de ouvirmos o som da programação. Quando ventava muito era pior ainda, a antena, que era um fio preso no alto de um pendão de agave, saía do lugar e a recepção da imagem piorava ainda mais. Quando mesmo mexendo na antena não resolvia a situação, o jeito era desligar o aparelho.

No ano de 2005, por volta do mês de setembro, após juntar economias durante bastante tempo, recursos estes vindos do trabalho que ele realizava nos cortes de lenha e também advindos do Programa Bolsa Família,⁴ meu pai conseguiu comprar uma televisão colorida de 14 polegadas juntamente com uma antena parabólica. Esse evento foi para nós motivo de muita festa e felicidade, pois agora além de termos um aparelho de qualidade poderíamos assistir vários canais. Com o final da época das chuvas e o término das colheitas, cessava o trabalho no roçado, então era possível ter mais tempo livre para estudar e também para assistir televisão e escutar o rádio, atividades que eu gostava bastante.

A energia chegou para nós por volta o ano 2002 no sitio Cacimbão, no sitio Boa Esperança demorou mais um pouco, chegou por volta de 2005. Foi uma grande inovação e motivo de muita alegria, agora tínhamos claridade com qualidade e não mais iríamos precisar respirar fumaça de gás. Foram melhorias que ocorreram após a chegada de Luiz Inácio Lula da Silva⁵ a Presidência da República.

⁴ O Programa Bolsa Família (PBF) surgiu em outubro de 2003 no governo do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), criado pela Medida Provisória nº. 132 de 20 de outubro de 2003, e regulamentado pelo Decreto nº. 5209 de 17 de setembro de 2004. Foi definido pelo extinto Ministério de Desenvolvimento Social e combate à Fome (MDS) como “um programa que beneficia famílias em situação de pobreza e extrema pobreza em todo o país.” Composto através da unificação de programas de transferência de renda (Bolsa Escola, Bolsa Alimentação, Vale Gás e Vale alimentação) já existentes no governo de Fernando Henrique Cardoso. Posteriormente houve a inclusão do PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil). (Essas informações foram retiradas do trabalho de conclusão de curso de Natália Andrade Machado Silva, Universidade Federal Fluminense, rio das ostras, 2014).

⁵ Luís Inácio Lula da Silva, popularmente conhecido como lula, foi um presidente da República Federativa do Brasil que esteve à frente da presidência do país durante dois mandatos seguidos (O primeiro mandato ocorreu entre Janeiro de 2002 a dezembro de 2006 e o segundo após sua reeleição ocorreu entre Janeiro de 2006 a Dezembro de 2010). Durante o governo Lula o Brasil obteve um crescimento expressivo em várias áreas e fora possível que muitas famílias pobres e extremamente pobres saíssem da zona de pobreza extrema. Lula investiu bastante em programas sociais de transferência de

Entre 2005 e 2007, fora nessa primeira casa onde nos reuníamos a tarde, por volta das 14:30 para assistirmos televisão, o vale a pena ver de novo, faixa de reprise de novelas da TV Globo. Nos intervalos, era costume minha mãe sair para a cozinha e preparar um café, ou mesmo um suco de goiaba (nessa época já tínhamos liquidificador), o qual ela trazia para a sala e distribuía entre nós. Por volta das quatro da tarde, acabando-se o capítulo da novela a televisão era desligada, voltando a ser ligada novamente por volta das 17:30 da tarde, quando iniciava malhação e somente seria desligada por volta das 23:00 horas ou quando acabasse a última novela da rede Record.

Nosso dia-dia também era marcado pela programação de rádio, quando a tv estava desligada o rádio estava em pleno funcionamento, sintonizado principalmente na emissora comunitária local, a Canoas fm 87,9⁶. Até hoje lembro da maioria dos programas, vinhetas e comerciais. Um dos programas que eu mais gostava era o de cantoria de violeiros, por nome som da terra.

A época mais animada do ano era no São João, principalmente durante os dias em que festejavamos os santos juninos em volta da fogueira. Meu avô e meu pai compravam bombas, e alguns chuveiros e traques para que nos brincássemos. Eram dias em que tínhamos disponível as comidas típicas e além de tudo a família completa, reunida e feliz. Tínhamos tudo embora tivéssemos tão pouco.

A literatura de cordel também tinha espaço em nossa vivência, eram histórias muito boas, algumas delas meu avô paterno tinha decoradas e ao declamá-las era possível ver o orgulho que ele sentia por saber de cor aqueles folhetos. Ele também conseguia compor versos de cabeça, vários, como se fosse um repentista. Repentista ele nunca foi, mas houve uma época, quando ele era mais jovem, antes de meu nascimento ele tocava foles de oito baixos, sendo muito conhecido e requisitado para apresenta-se

renda com a finalidade de assistir financeiramente a população pobre. Fora durante o governo de Lula que pude observar as coisas melhorando um pouco em minha vida e em minha família. Pudemos ter acesso a itens e a condições de vida que anteriormente seriam impensáveis. Por causa disso, ainda hoje podemos ver traços do governo Lula na sociedade, por exemplo, a possibilidade de acesso das pessoas pobres ao ensino superior, conquista ocorrida durante o governo daquele que mais criou universidades e institutos federais na história do Brasil. Lula fora eleito democraticamente no último dia 30 de outubro de 2022, e voltará a ocupar a presidência da República para exercer o seu mandato de número três.

⁶ A rádio Canoas FM 87,9 é uma emissora comunitária, pertencente à Associação Beneficente de Cubati. Entrou em operação no ano 2005 e continua operando até os dias atuais. Tem como diretor geral o ex-prefeito Josinaldo Vieira da Costa, o qual foi responsável pela criação dessa emissora na cidade de Cubati. Atualmente a programação consta apenas com um ou dois locutores, sendo reproduzidas músicas na maioria dos horários. A época de ouro da Canoas FM ocorreu entre 2005 ano de sua fundação e 2008. Após esse período, época em que Josinaldo Vieira deixou o cargo de prefeito a oposição vitoriosa nas eleições municipais de 2012, despejou em 2013 a emissora do prédio público onde ela funcionava, reteve a maiorias dos equipamentos e hoje a respectiva rádio encontra-se funcionando em condições muito precárias.

em festas da região, de onde ele tirava parte do sustento da família. Meu avô materno era tocador de viola e realizava cantorias em sua própria residência.



Figuras 6 e 7: Parte frontal de casa onde morei, localizada no sítio Boa Esperança, cubati-Pb.

Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Nessas velhas casas cresci ouvindo as histórias que meu avô contava, ele era o contador de história da família juntamente com minha avó que além de confirmar tudo o que ele falava ainda acrescia as suas próprias narrativas. Ele costumava falar acerca das dificuldades enfrentadas por sua família em seu tempo de criança em como não havia alimento, as coisas eram muito difíceis e eles passavam grandes necessidades financeiras e alimentares. Falava-nos acerca de quando tudo eram matas em nossa comunidade⁷ e das caçadas nas florestas procurando animais para alimentação. Também nos contava muitas histórias de assombração que chegava a ser aterrorizantes e que de tão fantásticas nos deixava amedrontados principalmente quando era de noite.

⁷ A nossa propriedade localizada no sítio Cacimbão fica a aproximadamente sete quilômetros de distância da cidade de Cubati, enquanto a localizada no sítio Boa Esperança distancia-se da cidade de Cubati aproximadamente 14 quilômetros. De acordo com informações colhidas por mim em conversas com meu avô descobri que o nome da localidade chamada de cacimbão provém da existência de muitas cacimbas que eram abertas pelas pessoas que moravam na localidade em épocas de seca extrema. Segundo meu avô me informou, como não tinha reservatórios de água na localidade, as pessoas cavavam na terra buracos imensos, de grande profundidade, principalmente nas vargens com a finalidade de encontrar água. Enquanto não encontravam não paravam de cavar. Hoje em dia esses cacimbões não existem mais, foram assoreados com a passagem do tempo mediante ações da natureza. Com relação ao sítio ou a comunidade Boa Esperança, a mesma já teve e é conhecida por outros nomes além do atual. Tendo como fonte as histórias contadas por meu avô, as quais já lhe foram contadas por sua mãe e assim ainda o era na época de sua infância e adolescência, a localidade se chamava alto dos defuntos. Tal designação foi proveniente da morte de algumas pessoas que se perderam nas matas e vieram a óbito sendo encontradas eventualmente por algum caçador local as carcaças já decompostas. A respectiva localidade também já foi conhecida como cacimba de bestas, mediante a existência de algumas cacimbas, ou olhos d'água que existiam em uma parte desta terra e que juntava grande quantidade de animais que tinham como objetivo matar a sede. A maioria desses animais eram cavalos e bestas, daí a designação.

Para que o leitor possa entender melhor acerca das diferentes residências e localidades citadas (Cacimbão e Boa Esperança) torna-se necessário salientar o seguinte: O Sítio Cacimbão fora onde morávamos inicialmente. Essa propriedade foi onde meus avós paternos construíram a primeira casa de taipa no ano de 1972 e nela residiram até 1995. Nesse momento a terra ainda pertencia aos meus bisavôs paternos. Quando eles faleceram, meu avô herdou juntamente com os irmãos e irmãs parte da possessão. Nessa primeira residência foi onde eles criaram os filhos. Em 1995, meu pai com 19 anos de idade estava noivo, por isso, foi preciso ser construída mais uma casa. Meus avós passaram então a construir uma segunda moradia, pois meu pai ao casar ficou morado na antiga casa e meus avós foram morar na recém-construída. No ano 2000 os donos de uma propriedade no sítio Boa Esperança colocaram-na a venda. Com muito sacrifício, meu avô conseguiu comprar quatro hectares de terras, a partir de então passamos a possuir duas propriedades. No sítio Boa Esperança meu avô construiu a terceira casa de taipa. Para construir a terceira casa ele necessitou desmanchar a segunda casa que havia construído no sítio Cacimbão. Posteriormente a isso, agora no ano de 2005, retornamos a morar no Cacimbão, sendo necessário reformar as casas que inicialmente morávamos. Após retornarmos a residir no Cacimbão, ficamos ali até setembro de 2009, quando novamente retornamos para Boa Esperança, onde moramos até hoje. O sítio Cacimbão ainda é propriedade nossa e eu vou até lá praticamente todos os dias.

A nossa propriedade localizada no sítio Cacimbão fica a aproximadamente sete quilômetros de distância da cidade de Cubati, enquanto a localizada no sítio Boa Esperança distancia-se da cidade de Cubati aproximadamente 14 quilômetros. De acordo com informações colhidas por mim em conversas com meu avô descobri que o nome da localidade chamada de Cacimbão provém da existência de muitas cacimbas que eram abertas pelas pessoas que moravam na localidade em épocas de seca extrema. Segundo meu avô me informou, como não tinha reservatórios de água na localidade, as pessoas cavavam na terra buracos imensos, de grande profundidade, principalmente nas vargens com a finalidade de encontrar água. Enquanto não encontravam não paravam de cavar. Hoje em dia esses cacimbões não existem mais, foram assoreados com a passagem do tempo mediante ações da natureza. Com relação ao sítio ou a comunidade Boa Esperança, a mesma já teve e é conhecida por outros nomes além do atual. Tendo como fonte as histórias contadas por meu avô, as quais já lhe foram contadas por sua

mãe e assim ainda o era na época de sua infância e adolescência, a localidade se chamava alto dos defuntos. Tal designação foi proveniente da morte de algumas pessoas que se perderam nas matas e vieram a óbito sendo encontradas eventualmente por algum caçador local as carcaças já decompostas. A respectiva localidade também já foi conhecida como cacimba de bestas, mediante a existência de algumas cacimbas, ou olhos d'água que existiam em uma parte desta terra e que juntava grande quantidade de animais que tinham como objetivo matar a sede. A maioria desses animais eram cavalos e bestas, daí a designação.

Era uma realidade bastante diferente dos dias atuais, tudo era mais simples e mais descomplicado, não existiam tantas tecnologias e era possível maior comunicação entre as pessoas, principalmente no ambiente familiar. Com relação à rotina em casa, ocorria geralmente nos seguintes moldes.

Quando chegava a época das chuvas além de estudar (a partir de 2003) eu tinha que obrigatoriamente trabalhar no roçado, na plantação de subsistência. Meus avós e meus pais trabalhavam com cultura de milho, feijão, fava e algodão, também costumávamos plantar horta de coentro, cebola, jerimum, pepino etc. Esses gêneros eram consumidos na alimentação de nossa família e o excedente da colheita era vendido aos comerciantes na cidade.

Meu avô e meu pai juntamente com o cachorro veludo e a cachorra lacraia costumavam sair para as matas para caçarem animais durante a noite. Geralmente eles encontravam, e as caças capturadas variavam. Às vezes eram gambás (que chamávamos charita ou tacaca), tatus (chamados pebas), tamanduás etc. Também achávamos muito bom quando eles conseguiam matar algum animal com tiros de espingarda, geralmente eram rolinhas, gaviões, preás, corujas, caborés, teiús e camaleões (iguanas).

Por volta do final de 2009, meu avô conseguiu construir uma casa de tijolos de alvenaria. Isso só foi possível porque tanto ele como minha avô aposentaram-se, com isso nossa condição de vida melhorou um pouco. Além disso, ele fez empréstimos consignados nos cartões da aposentadoria com a finalidade de comprar os itens que foram utilizados para construir a casa.

Com o passar do tempo às coisas foram mudando e se transformando. E assim como o tempo e as coisas, nós também mudamos. Vamos sendo transformados com o passar dos anos, vamos amadurecendo e observando o mundo por outras perspectivas. Na dança da vida que se movimenta o tempo todo, novas páginas são escritas, algumas

páginas são arquivadas e outras nós rasgamos, cortamos em pedacinhos e jogamos para cima na esperança que o vento os disperse para longe de nós.

No final das contas, guardamos o que nos toca, aquilo que nos emociona e que por muitas vezes gostaríamos, que essas lembranças fossem presente ainda em vivência e não passado lembrado através da rememoração. Rememorando, lembro, lembrando, não esqueço, não esquecendo, revivo, retorno no presente o que vivi no passado. No presente recorro, recordando, sorrio e também fico triste, lembro-me do bem e também do mal. E nas aventuras do relembrar, percebo que essas memórias me tocam profundamente e me fazem perceber que no final das contas o que vale mesmo na vida são os bons momentos que vivemos ao lado de quem amamos.

Nas aventuras da memória, cada detalhe tem sua importância, tem seu significado. Detalhes contam vidas, contam histórias, narrativas que o tempo não apaga, pois, além de memórias e vivências, são, sobretudo, experiências que guardamos ao longo dos caminhos percorridos em nossa vida, nas estradas de nossa existência.

CAPÍTULO II: ESCOLA MUNICIPAL CECILIANO GOMES: MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS NO PRIMEIRO CICLO DO ENSINO BÁSICO

“Penso que cumprir a vida seja simplesmente, compreender a marcha e ir tocando em frente”
(Sater, Almir; Teixeira, Renato, tocando em frente, 1990).

Em muitos momentos tenho vontade de voltar no tempo fisicamente, sinto saudade de épocas passadas e de momentos ao lado de pessoas que marcaram minhas memórias. Infelizmente viajar a períodos marcantes do nossa história, não é possível, pelo menos não da maneira como eu gostaria.

Como o tempo não volta, acredito ser necessário viver o presente, sem esquecer-se do passado, e projetar um futuro. Embora muitas vezes a vida nos pegue de surpresa, temos de aprender a caminhar entre os vieses e revezes que nos são impostos sem que possamos controlar certos acontecidos. Diante disso, me ressoa a voz de Almir Sater e Renato Teixeira, entoando a canção tocando em frente, principalmente o trecho presente na epígrafe de abertura deste capítulo. Essa canção marcou minha infância e esse conselho eu levo para a vida, um passo de cada vez, compreendendo o que for possível e seguindo de igual maneira.

Então, faço desse relato uma rememoração, uma volta no tempo através da memória, das lembranças, das experiências, volto a trilhar algumas pontes nas quais já passei e a transitar em caminhos que já percorri. Assim, como quando nos lembramos de acontecimentos presentes em nossos quadros de pensamentos, podemos visitar diferentes épocas, no mesmo minuto, ou em fração de segundos. Retorno agora ao ano de 2003, período em que ingressei no meio educacional oficial, em uma escola rural, por nome Ceciliano Gomes. Assim sendo, neste segundo capítulo, pretendo compreender como me constitui enquanto estudante de uma escola pública rural e como fui pedagogizado no referido ambiente educacional dentro do modelo tradicional de ensino.

Voltando no tempo através da memória: lembranças de minha formação inicial no meio tradicional de educação

Desde que eu tinha por volta de três anos de idade que comecei a desenvolver a vontade de frequentar a escola, vontade esta que aumentava muito mais quando eu

observava os alunos passando em frente a minha casa para irem estudar. Cada aluno com uma bolsa nas costas ou uma sacola pendurada na mão contendo o material escolar, a maioria a pé e alguns em pequenas bicicletas, em grupo fazendo uma algazarra tremenda. Mas por enquanto ainda não era possível, tive de esperar mais três anos e retardar bastante o início de minha caminhada escolar.

Nesse interim eu brincava de escola em casa. Minha avó quando ia fazer a feira comprava para mim uns caderninhos pequenos, lápis grafite, canetas de tinta, borracha e uns lápis de cores. Eu brincava com esse material, desenhava, escrevia letras, comecei até a escrever meu nome. E cada ano que passava o sonho de ir para a escola estava cada vez mais perto de se tornar realidade.

No grupo escolar Ceciliano Gomes existia uma cisterna em que era colocado um carro pipa de água por mês para ser utilizada na preparação da merenda dos alunos. Como a cisterna era aberta, as pessoas da comunidade que enfrentavam falta de água iam buscar nesta cisterna, muitas vezes ocorriam brigas e intrigas eram geradas, pois a pessoa responsável pela faxina do grupo escolar queria impedir as pessoas de retirarem a água, o que gerava muita inimizade. Mesmo assim, quando tinha água meu avô ia com minha avó buscar, ela com uma lata, a qual trazia na cabeça e ele com dois baldes de 20 litros cada, em um carrinho de mão.

Eu gostava de acompanhá-los, pois, era uma oportunidade de chegar perto da escola, de arrodar o prédio escolar e imaginar como era estar dentro da sala estudando. Como tudo era muito fechado eu somente conseguia escutar o barulho dos alunos e a voz da professora Lúcia, reclamando com um ou outro e tentando ministrar a aula. Eu aproveitava para coletar do chão pedaços de giz usado que professora jogava fora. Tinha giz branco, azul, verde, rosa e amarelo, com eles ao chegar de volta em casa eu rabiscava letras no chão, em pedaços de compensado, tábuas de madeira e até nas portas. O tempo foi passando e finalmente chegou a época em que minha mãe me matriculou para estudar.

Adentrei a escola na condição de estudante pela primeira vez entre seis e sete anos de idade em fevereiro de 2003. Nesta época em minha cidade,⁸ não era permitido

⁸ Tratando-se acerca das escolas rurais (multisseriadas) do município de Cubati-PB, especificamente do Ceciliano Gomes observava-se o seguinte cenário. As escolas rurais não comportavam a demanda de alunos que era muito alta já em idade de começar a estudar e como não havia condições de nos matricularmos nas escolas da cidade atrasávamos em muito tempo a entrada no meio educacional. Se nas escolas rurais faltavam vagas, nas que se localizavam na cidade ocorria justamente o contrario, sobravam muitas vagas. Também não havia transporte disponível para que tivéssemos a possibilidade de estudar na cidade. A prefeitura municipal liberava os ônibus para transportarem os alunos que estivessem cursando a

que crianças rurais iniciassem os estudos antes dos seis anos de idade, pois como a quantidade de crianças era muito grande em relação à disponibilidade de vagas na escola, que era bastante pequena não comportando a demanda de crianças caso fossem colocadas para estudar muito cedo, apenas nas escolas que se localizavam na cidade, pois como existiam em maior quantidade e eram maiores, comportando assim maior quantidade de estudantes era permitido à matrícula de alunos a partir dos três anos de idade.

Antes de chegar o mês de fevereiro, quando começariam as aulas, minha avó estava preocupada em conseguir uma bolsa para com a qual eu pudesse colocar o material escolar, que ao todo era um caderno pequeno, daquele tipo caderneta, contendo miseras 48 folhas, um lápis grafite e uma borracha. As bolsas de costa eram caras e não tínhamos condições de comprar. Então, uma tia minha, que tinha duas filhas que já estudavam, tinham uma bolsa velha que elas não usavam mais e que já haviam ganhado na própria escola, ofertadas pela secretaria de educação do município. Era uma bolsa azul, parecida com uma pasta, contendo dois bolsos, separados um do outro, tinha também duas alças na parte de cima, na qual segurávamos a bolsa dependurada.

Só consegui comprar uma bolsa nova quando eu estava na terceira série, e um caderno de 10 matérias quando já estava na quarta série. Até então eu escrevia nesses cadernos pequeninos, o que fazia com que rissem muito de mim. Muitas vezes enquanto eu estava copiando os textos que a professora escrevia no quadro, uma dessas primas ria de se acabar, pois além da bolsa velha, não tinha um caderno decente, e haja vista o caderno dela ser grande, contendo 20 matérias. Os demais alunos também riam acerca disso, eu simplesmente fingia não perceber.

Quando a bolsa velha que inicialmente haviam me doado não prestava mais, estava já muito resgada e cheia de costuras feita por minha vó, minha tia trouxe para mim uma bolsa em razoável estado de conservação, daquelas que continham umas rodinhas em baixo e que podíamos leva-las nas costas ou mesmo arrasta-las. Porém havia um problema, era uma bolsa feminina, toda rosa, cheia de glitter e de desenhos de

partir da quinta série do ensino fundamental e somente para os períodos vespertino e noturno, pois nas escolas rurais havia ensino somente até a quarta série. Somente a partir do ano de 2009 crianças da zona rural passaram a ser admitidas nas escolas da cidade durante o turno da tarde. Em 2014 ocorreram alguns avanços nesse sentido, a prefeitura passou a liberar os ônibus para transitarem tanto de manhã como à tarde e também à noite, assim atualmente grande parte de crianças rurais estudam nas escolas da cidade nos turnos matutino e vespertino.

sereias nas laterais, não sendo possível eu usá-la, pois naquela época existiam certas proibições de meninos usarem coisas desse tipo.

Geralmente eu me deslocava sozinho para a escola durante a época que estudei no sítio. Por algum tempo eu costumei esperar por alguns alunos que passavam em frente a minha residência para irem também para a escola, mas comecei a perceber que eles não gostavam que eu os acompanhasse no percurso, então, resolvi não mais incomodá-los.

Cursei todo o ensino fundamental I, ou seja, os anos que compreendem da primeira até a quarta série na escola Municipal de Ensino Fundamental Ceciliano Gomes, a mesma localiza-se no sítio Belo Vista, zona rural de Cubati. A escola era muito pequena, composta por apenas uma sala de aula. Existia um espaço o qual chamávamos de área, era onde se sugeria que nos merendássemos, entretanto sequer havia uma cadeira, se quiséssemos lanchar naquele espaço tinha de ser sentado no chão. O Ceciliano Gomes era infestado de pardais, e justamente na área era onde mais havia, eles faziam ninhos imensos, procriavam em grande quantidade de tal forma que os pássaros novos caíam no chão aos montes e os pardais adultos quando defecavam caía sobre quem estivesse naquele local. Ademais o barulho produzido por eles era muito grande.

De frente a sala de aula ficava a cantina e os banheiros masculino e feminino. Os banheiros eram imundos, não havia água para darmos descarga, a faxineira limpava pela manhã antes das aulas iniciarem e também por volta do meio dia, antes das aulas vespertinas. Os alunos faziam suas necessidades e os dejetos acumulavam. Muitos estudantes preferiam sair e fazer as necessidades em um matagal que ficava em frente à escola, correndo risco de ser até picado por alguma cobra, e de furar-se em espinhos como aconteceu algumas vezes.



Figura 8: Foto da parte frontal da Escola municipal de Ensino Fundamental Ceciliano Gomes
Fonte: elaborada pelo autor (2022).

Observando as imagens, podemos perceber como não existia parte do governo municipal ações práticas que visassem possibilitar um melhor bem-estar para os alunos rurais nessa época. Geralmente todas as escolas que existiam nos sítios do município nesse período seguiam esse mesmo padrão, nesse sentido a arquitetura escolar configurava-se como uma maneira silenciosa de ensino, visto que

A arquitetura escolar é também por si mesma um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância, marcos para a aprendizagem sensorial e motora e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos. (FRAGO, 2001, p.26).

Eram escolas muito fechadas, sem espaço para entrada de ar e não dispunha de ventiladores. Durante a tarde essas pequenas janelas nem podiam ser abertas, pois o sol adentrava a sala de aula, impossibilitando por causa da claridade e da quentura que continuássemos com as atividades. Até por volta do ano 2005 não havia portão no Ceciliano Gomes, o espaço entre a sala de aula e os banheiros era livre, mas como os alunos saiam para o terreiro, a professora requereu juntamente a secretaria de educação que fosse instalado um portão. Percebo que

Os espaços educativos, como lugares que abrigam a liturgia acadêmica, estão dotados de significados e transmitem uma importante quantidade de estímulos, conteúdos e valores do chamado currículo oculto, ao mesmo tempo em que impõem suas leis como organizações disciplinares. (FRAGO, 2001, p.27).

Também percebemos a preocupação que existia nessa época de manter os alunos isolados do mundo externo. Vemos isso ao observamos as janelas frontais da escola posicionada de forma mais elevada, o que dificultava que os alunos observassem o que se passava fora da sala de aula, visto que as crianças eram pequenas e não conseguiam avistar por cima das janelas. E, além disso, elas eram mantidas quase sempre fechadas.

Em resumo, a arquitetura escolar pode ser vista como um programa educador, ou seja, como um elemento do currículo invisível ou silencioso, ainda que ela seja por si mesma, bem explícita ou manifesta. A localização da escola e sua relação com a ordem [...] das populações, o traçado arquitetônico do edifício, seus elementos simbólicos próprios ou incorporados e a decoração exterior e interior respondem a padrões culturais e pedagógicos que a criança internaliza e aprende. (FRAGO, 2001, p.45).

A parte traseira da escola era muito disputada por causa da sombra que se formava e a brisa que soprava, era também o lugar onde a maioria merendava. Algumas vezes por causa do calor muito forte pedíamos a professora para assistirmos as aulas fora da classe e ela aceitava. Nesse pátio era o lugar onde os alunos brincavam mesmo no sol quente. Era comum a diversão ocorrer com brincadeiras de toca, barra bandeira, arrastão etc.

As condições internas da sala de aula eram muito precárias⁹. O piso cheio de buracos muito grande que causavam muitos tropicões. Era preciso muito cuidado ao andarmos para não nos acidentarmos.

Eu fui um aluno que não costumava conversar muito ou fazer algazarra como os demais faziam, geralmente passava a maior parte do tempo em silêncio. Durante minha trajetória escolar fui um aluno muito retraído, principalmente porque costumeiramente eu era vítima de muito bullying e discriminação, principalmente gordofobia.

Eu costumava ficar sentado dentro da sala de aula, raramente saía para socializar, principalmente porque alguns não gostavam de mim, tratavam-me com desprezo e desdém e ainda faziam muitas piadas sem graça.

Observando e analisando esse contexto nos dias de hoje, eu não consigo entender porque sempre as pessoas demonstraram certa aversão a minha pessoa. Por outro lado, eu compreendo que eu sempre me isolei um pouco, estive recuado com relação às pessoas durante quase toda minha vida, creio que esse posicionamento era um meio de defesa contra as palavras degenerativas que eu escutava. De minha parte não havia reação, eu não retrucava, buscava manter a paz com todos, evitando brigas ou desavenças, embora insultado, eu permanecia calado. Mas, mesmo assim, costumava tirar boas notas, tanto que no fundamental I nunca reprovei nenhuma série. Cumpria com todas as atividades propostas pela professora Lúcia de Fátima.

Quando eu estava cursando a terceira série meus irmãos mais novos adentraram a escola para estudarem, a partir de então eu os acompanhava e desta maneira passava a manhã inteira na escola. Voltava com eles para casa por volta da 11h00min da manhã e já me preparava para voltar à escola na parte da tarde, turno no qual eu estudava. As aulas iniciavam as 13h00min horas e terminavam as 17h00min se houvesse merenda,

⁹ Eu não consegui fotos do interior da Escola Ceciliano Gomes porque a respectiva instituição encontra-se desativada. Procurei saber ou encontrar alguém que estivesse com as chaves do Ceciliano, porém, não logrei êxito. Perguntei a mulher que era responsável pela faxina se ela dispunha das chaves da escola, a mesma me informou que não trabalha mais na escola e que não sabe quem está com as chaves. Segundo boatos, o Ceciliano será transformado na sede de uma associação de trabalhadores rurais.

quando não tinha alimento para lancharmos éramos liberados mais cedo por volta das 16h30min.

Como eu estava estudando em uma série mais avançada, cursando nessa época a terceira série durante o turno da manhã eu auxiliava a professora Lúcia em diversas atividades em sala de aula, pois, o número de alunos durante o turno matutino era muito grande e a maioria eram crianças ainda bem pequenas, assim, a professora precisava desdobrar-se para manter a sala funcionando.

A professora me deixava responsável por ajudar alguns alunos a fazerem as atividades, também costumava auxiliá-los com as leituras, corrigia exercícios e controlava os que ficavam saindo da sala, eram muitas crianças o que demandava bastante atenção. Quanto mais eu ajudava a professora Lúcia e me envolvia com os estudantes mais eu tinha certeza que futuramente queria ser professor.

O horário escolar funcionava da seguinte maneira, no turno matutino estudavam os alunos da alfabetização e da primeira série e no vespertino as turmas da segunda, terceira e quarta séries. De manhã as aulas começavam às 07h00min horas e terminavam as 11h00min horas. Tínhamos diariamente entre 15 e 20 minutos de intervalo, as 09h00min da manhã e 15h00min da tarde, tempo que usávamos para merendar e aqueles que quisessem poderiam participar de algumas brincadeiras.

A merenda escolar que tínhamos disponível não era muito variada e era feita aleatoriamente, sem ser uma comida específica para cada dia, pois a quantidade de alimentos disponível para ser preparada não era muita e ainda faltava água na cisterna com frequência. Ocorria de ter alimentos disponíveis na cantina, entretanto, por muitas vezes faltava água para que estes fossem preparados para que nos alimentássemos. O carro pipa que enchia o reservatório não tinha data certa para vir e às vezes atrasava até mais de mês. Até para bebermos faltava, então a professora nos mandava pedir um balde de água na casa de uma senhora que morava vizinha à escola chamada Lourdes.

Na maioria dos dias merendávamos sopa, ainda hoje quando lembro consigo até sentir o cheiro vindo da cantina, nunca consegui reproduzir uma sopa semelhante aquelas, embora já tenha tentado muitas vezes jamais logrei êxito. Alguns dias a merenda era leite com achocolatado e bolachas, na maioria das vezes cream cracker fortaleza, algumas vezes eram servidas bolachas Maria doce três de maio, eram distribuídas meio copo de leite e seis ou sete bolachas para cada estudante.

Esporadicamente tínhamos cuscuz com charque ou arroz de leite ou mesmo arroz com soja.

Eu gostava bastante de ler, mas, infelizmente a escola tinha poucos livros, os quais ficavam numa estante empoeirada em um dos recantos da sala, por várias vezes eu arrumei essa velha estante, separava os livros e os limpava, mas em poucos dias eles estavam bagunçados novamente. Os livros que mais tínhamos na escola eram a Ilíada e a Odisseia, os quais li várias vezes. Durante todo o tempo em que estudei no Ceciliano Gomes chegaram livros novos uma única vez, uns poucos de poesia, os demais que tínhamos disponíveis eram os do currículo, os livros didáticos.

Eu tinha bastante vontade de ler, todavia a falta de livros disponíveis me impediu de adentrar no universo da leitura de obras literárias ainda cedo. Costumava ler quase que diariamente os cartazes que a professora colava nas paredes da sala de aula, como também ficava folheando o livro de Português, procurando textos para ler, encontrava apenas textos curtos, os quais os tinha praticamente decorados por causa de os ter lido repetidas vezes.

Eu tinha muita curiosidade e vontade de ler as obras de Machado de Assis, visto que nos livros de português eu encontrava fragmentos muito interessantes de textos deste autor, mas infelizmente eram apenas trechos, para mim não era possível ter acesso às obras completas. Certa vez a professora Lúcia trouxe para a escola alguns gibis de história infantil, foi muito legal, pois eram quadrinhos mais longos, que se estendiam por várias páginas, diferentemente dos quadrinhos que eu costumava ler nos livros didáticos.

“Aqui dentro eu sou o pai e a mãe de vocês”

“É impossível ensinar sem essa coragem de querer bem, sem a valentia dos que insistem mil vezes antes de uma desistência. É impossível ensinar sem a capacidade forjada, inventada, bem cuidada de amar.” (Paulo Freire)



Figura9: Professora Lúcia de Fátima durante a realização de uma quadrilha junina no Ceciliano Gomes em Junho de 2007.

Fonte: Arquivo pessoal, (2007).

Geralmente a imagem que associamos a figura de pai e mãe diz respeito a cuidado, proteção, carinho, companheirismo, desejo de ver os filhos felizes, corrigir para o bem quando necessário etc. Associar muitas destas e até outras características positivas a professora Lúcia não é um exagero. Dentre as tantas imagens que formei em relação a minha primeira professora, a de pai e mãe se encaixa muito bem. Assim como na foto acima, durante as festividades a professora Lúcia se misturava com os alunos que em certos momentos parecia até uma criança. Ela demonstrava querer bem aos alunos e esforçava-se para fazer o melhor possível em suas aulas e nas confraternizações que ela organizava ao decorrer do ano letivo.

Podíamos enxergar nas suas feições durante as aulas e nos momentos em que conversava conosco para além de professora, como uma amiga, a “capacidade forjada, bem cuidada de amar” que ela nos demonstrava costumeiramente. Quando era necessário repreender algum aluno ela o fazia com muita firmeza e embora ficasse brava no momento, poucos minutos depois já estava com um sorriso no rosto direcionado justamente aquele estudante que há pouco tempo lhe tinha desobedecido.

Lúcia era uma pessoa excelente, amiga dos alunos, além de bastante inteligente. Ela era uma educadora muito competente na alfabetização dos alunos, de tal maneira que as crianças recém-chegadas ao Ceciliano Gomes aprendiam a ler e escrever com rapidez e facilidade. Todos os pais de alunos compartilhavam o discurso que ela era uma boa mestra, levando-se em consideração o modelo educacional vigente na época.

Lúcia era uma educadora a moda antiga. Ela gostava de deixar muito bem claro o papel de cada um dentro da sala de aula, tanto o nosso como alunos, ou seja, obedecer às ordens da professora e ser um bom “depósito” das informações repassadas de acordo com os conteúdos, quanto o dela, que consistia em ser uma verdadeira autoridade em sala de aula, de tal modo que uma de suas frases proferidas costumeiramente era “aqui dentro eu sou o pai e a mãe de vocês”.

¹⁰Entrevistador: Onde ocorreu sua formação como professora? Em que instituição estudou?

Lúcia: Fiz o curso de pedagogia nível médio na Escola Estadual Paulo Benevides, em Fortaleza e o curso superior na universidade UVA (Universidade do Vale do Acaraú).

Entrevistador: Em que ano começou a trabalhar como professora no Ceciliano Gomes?

Lúcia: Comecei a lecionar no Ceciliano Gomes em 1998.

Entrevistador: Antes de trabalhar como professora no Ceciliano Gomes já havia lecionado em alguma outra escola?

Lúcia: Trabalhei na Escola Municipal Jose de Barros¹¹.

Os alunos que despertavam irritação na professora eram geralmente dois ou três, me referindo aos que estudavam na parte da tarde. Quando algum deles desobedecia ou não cumpria com as atividades propostas fazendo pouco caso da fala da professora, ela irritava-se bastante, gritava muito e cobrava obediência, que para ela significava silêncio. Nessa época existiam fortes relações de poder nas escolas, os professores eram tidos como autoridades, acreditava-se que eles sabiam de tudo e nos dependíamos deles para aprender.

Ela buscava agradar tanto os alunos como os pais e as mães dos estudantes, e por isso costumava realizar festinhas na escola durante o decorrer do ano letivo, nas datas comemorativas, no dia das mães, na época dos festejos juninos, no dia dos pais, no dia das crianças e no natal, comemorações sempre acompanhadas de bolo e refrigerante e às vezes de comidas mais encorpadas como, frango com cuscuz e macarrão.

¹⁰ Entrevista realizada com a professora Lúcia de Fátima Guedes Guimaraes, a mesma foi minha professora durante o ensino fundamental I, entre os anos de 2003 a 2007 na Escola Municipal Ceciliano Gomes.

¹¹ Questionei a professora acerca desta escola Jose de Barros, a mesma me informou que a respectiva instituição ficava localizada no sítio Boa Esperança, mas que fora demolida há muito tempo. Eu nunca soube da existência desta escola, mesmo residindo na localidade. Segundo Lúcia a demolição na época do prefeito Severino Carolino, conhecido no município pelo apelido de bibiu. Inclusive a escola Jose de Barros tinha seu nome e existência ligado ao prefeito, sendo chamado pelos populares como o grupo de bibiu.



Figuras 10 e 11: Alunos do Ceciliano Gomes na escola durante a realização de uma confraternização de páscoa.

Fonte: Arquivo pessoal, (2007).

Nas duas imagens acima, podemos perceber os estudantes do Ceciliano Gomes durante uma confraternização de páscoa realizada em 2007. Na primeira foto, estão juntos todos os discentes do grupo escolar, do matutino e do vespertino, já na segunda imagem observamos a turma da quarta série da qual eu fazia parte. Notemos o cuidado e o desejo de fazer algo de bom para os alunos, e porque não dizer a vontade de nos agradar que a professora Lúcia demonstrava, não somente com palavras, mas também com ação.

Todos os alunos estão portando em mãos uma espécie de cestinha (compostas por copos descartáveis) com um desenho de um coelho na frente, estas cestinhas estavam com balinhas e com um ovo de páscoa que a professora comprou para nos presentear. Além de comprar doces, ela tinha o trabalho de confeccionar as cestas e imprimir os desenhos dos coelhinhos, os quais trouxe para que nas aulas de artes nós mesmos os coloríssemos. Nessa oportunidade ela também mandou prepara pra gente bolo de chocolate e comprou refrigerante. Inclusive os ovos para preparar o bolo, ela foi comprar a minha vó, que por sua vez acabou doando quando soube a finalidade para a qual seriam usados.

Quando se aproximava a época do São João, ainda durante o mês de Maio, passávamos a confeccionar bandeirinhas e balões juninos e a pintarmos imagens impressas de fogueiras, espigas de milho, chapéus de palhas e caricaturas de pessoas dançando em volta do braseiro junino. Esses itens eram usados na decoração dos espaços escolares, tanto internamente como externamente.

Toda essa preparação era para que em determinado dia escolhido pela professora, ocorresse à realização de uma quadrilha. Desde meados do mês de maio os

alunos e alunas formavam pares para dançar no dia da culminância da festinha, os ensaios eram realizados algumas vezes por semana ao som de forró reproduzido em um aparelho de som compacto que a professora trazia para escola. Eu detestava tudo isso, pois além de ser antissocial ninguém queria ser meu par.



Figura 12 e 13: Alunos do Ceciliano Gomes durante a realização de uma quadrilha Junina.
Fonte: Arquivo pessoal, (2007).

Entrevistador: Qual era seu sentimento durante a organização e realização das festinhas que a senhora realizava?

Lúcia: Tinha o melhor sentimento quando íamos realizar as festas juninas, pois tinha o empenho e a participação das famílias e todos animados dançavam. Até eu grávida de quase nove meses puxei a quadrilha junina.

No dia das crianças, Lúcia costumava trazer para a escola uma televisão Philips prateada de 14 polegadas juntamente com um aparelho de DVD, nos quais seriam reproduzidos filmes em desenho animado, geralmente O rei leão e Branca de Neve e os sete anões.



Figura 14 e 15: Alunos do Ceciliano Gomes assistindo a um filme no dia das crianças.
Fonte: Arquivo pessoal 2007.

As duas imagens acima foram produzidas pela própria professora Lúcia durante uma festinha realizada no dia das crianças no ano de 2007. Nessa oportunidade,

estávamos assistindo a um filme, todos os que estão presentes nessas fotos eram estudantes, estavam reunidos os alunos dos dois turnos nesta confraternização.

Notemos certos detalhes na sala de aula, onde podemos observar folhas de ofício com textos impressos pela professora, além de desenhos produzidos pelos próprios alunos, colados nas paredes. Também se pode contemplar um filtro de barro disposto sobre uma banca no recanto esquerdo da sala, juntamente com duas garrafas pet contendo água, que seria utilizada para repor a água do filtro caso faltasse. Ao fundo da sala temos pendurado em um cordão um mapa do Brasil e outro da Paraíba.

Notemos especialmente as precárias condições em que a escola se encontrava e como éramos abandonados pela administração municipal. Não tínhamos a quantidade de cadeiras necessárias para nos acomodarmos, por isso vemos grande parte dos alunos sentados no chão, comendo pipoca industrializada enquanto assistem ao filme. Nesse interim, colocavam as mãos no chão buscando se acomodar melhor e em seguida já estavam pegando novamente no alimento.

Todos os anos era costume participarmos do desfile cívico no dia Sete de Setembro¹², data em que se comemora a Independência do Brasil. Passávamos aproximadamente duas semanas ensaiando para podermos participar da marcha que ocorria na cidade. Como incentivo para que os alunos se interessassem para desfilarem a professora atribuía pontuação extra, três ou quatro pontos nas notas do semestre.



13



14

¹² Nas imagens podemos observar alunos do Ceciliano Gomes durante o desfile de sete de Setembro de 2007, carregando em mãos fotografias de educadores do município ou de profissionais que trabalhavam em diversos postos na educação municipal na época.

¹³ Aluno José de Arimatéia desfilando com quadro contendo a fotografia do falecido professor Ceciliano Gomes, o qual como homenagem teve seu nome colocado no grupo escolar onde estudávamos.

¹⁴ Aluno Tiago Silva desfilando com a fotografia de Lourdes, primeira professora do Ceciliano Gomes e muito conhecida na comunidade por sua religiosidade, a mesma era e ainda é atualmente muito atuante nas celebrações católicas. Lourdes juntamente com seu marido Florisvaldo (conhecido popularmente como Lolô) foram os doadores do terreno no qual fora construído o grupo escolar Ceciliano Gomes e também mais recentemente doaram outro terreno no qual fora construída uma igreja católica, tirando assim as celebrações religiosas do Ceciliano e transferindo para o templo religioso.

Figura 16 e 17: Alunos da Escola Ceciliano Gomes durante o desfile cívico de sete de setembro de 2007 na cidade de Cubati-PB.

Fonte: Arquivo pessoal (2007)

Nas imagens acima podemos perceber alguns alunos do Ceciliano Gomes durante o desfile cívico de sete de Setembro de 2007. Nessa oportunidade os alunos estão portando em mãos fotografias impressas de pessoas que ligadas à educação municipal, que já foram ou eram na época professores ou servidores desta área.

A professora Lúcia buscava nos mostrar que era muito importante comemorar o dia sete de Setembro, pois fora nessa data em que o Brasil haverá ficado livre de Portugal e se tornando independente. Ela nos falava acerca do famoso grito dado por Dom Pedro II as margens do rio Ipiranga, nos mostrando que aquele ato havia sido um feito heroico de uma ilustre figura, o imperador, mostrado no currículo tradicional como um grande vulto histórico nacional.

Quando chegava o mês de dezembro, também decorávamos a escola a caráter. Colávamos figuras de papai Noel pelas paredes, de sinos, velas, cachos de uva, além de montarmos um presépio todo descascado de tão velho que a professora trazia para a escola. Antes da chegada da véspera de natal, a professora Lúcia escolhia à tarde de um dia para que pudéssemos nos reunir para recebermos as provas referentes ao 4º bimestre. Na oportunidade ocorria a confraternização de natal.

Quando chegávamos à escola, logo percebíamos sobre o velho birô de madeira um bolo, garrafas de refrigerante e a pilha de provas organizada de acordo com a série dos alunos. Chamando um aluno por vez para que se dirigisse a frente da sala, a professora entregava as provas de todas as disciplinas grampeadas juntas, acrescidas da sentença de aprovação ou reprovação, em frente a todos os presentes na ocasião.

Era uma situação vexatória e antiética. Alguns alunos chegavam a chorar, não por causa da reprovação em si, mas sim pela zoeira que os outros alunos faziam, vaiando e debochando, chamado até de nomes pejorativos como, por exemplo, tachar de burro, anta etc. Ademais, ainda havia a ameaça feita por parte de alguns pais antes dos filhos saírem para receber o resultado, os quais ameaçavam castigos em caso de reprovação.

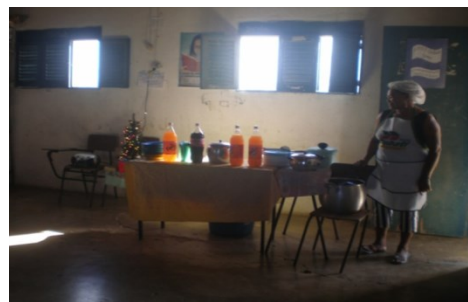


Figura 18 e 19: Confraternização de Natal e entrega das provas, dezembro de 2007.

Fonte: arquivo pessoal, (2007).

Entrevistador: Durante a época em que foi professora no Ceciliano Gomes como era sua relação com os alunos (as)?

Lúcia: No período em que trabalhei tive uma relação amistosa com todos os alunos (as).

Na imagem acima, podemos perceber que se encontram reunidos grande parte dos estudantes do Ceciliano Gomes com a finalidade de receber as provas e o veredito de aprovação ou reprovação. Percebamos a simplicidade do ambiente, e das pessoas presentes, crianças rurais em trajes muito modestos, vestidos com camisetas, shorts, chinelas havaianas etc. Não tínhamos fardamento e a maioria na hora de comer sentou-se no chão, pois a quantidade de cadeiras era pequena e ademais a maioria estava com defeitos, como se pode perceber na figura acima.

Nesta, observamos o birô da professora que foi transformado em mesa onde se encontram dispostos garrafas de refrigerante e recipientes contendo alimentos. Nessa oportunidade o lanche foi cuscuz com frango e arroz, não tive muita sorte e acabei ficando com o pé do frango. Notemos a cadeira próxima da merendeira, com as pernas completamente tortas sem condições de ser usada pelos alunos. Como o birô estava ocupado com os alimentos e talheres, as provas acabaram sendo colocadas no chão, como vemos acima.

Apesar das dificuldades, Lúcia fazia tudo com muita dedicação, com muito esmero, eu diria até com muita paixão. Era um gesto muito digno, que nos deixava muito contentes, cada balinha, pipoca, pedaço de bolo, tinha para nós crianças pobres de uma comunidade rural muito significado.

Entrevistador: A senhora sente saudade da época em que foi professora no Ceciliano Gomes?

Lúcia: Tenho saudade do convívio com os familiares e com os alunos que foi construído e ter estimulado em alguns o interesse e o valor dos estudos.

Entrevistador: Como você analisa sua experiência como professora durante a época que trabalhou no Ceciliano Gomes?

Lúcia: Foi uma experiência maravilhosa e desafiadora, pois morava em outra comunidade distante da escola e as turmas eram numerosas e no sistema multisseriado.

Entrevistador: Quais são as diferenças que você observa entre o modelo ensino daquela época e o modelo de ensino atual?

Lúcia: São várias: Destaco que na Escola Ceciliano Gomes, eu lecionava para uma turma multisseriada (da educação infantil ao 5 ano e sendo uma escola do campo. As provas (avaliações) tinha o objetivo de quantificar o aprendizado por meio de notas. E atualmente os alunos estão inseridos na realidade de nativos digitais. Essa geração é mais imediatista e apresenta mais dificuldade de foco e atenção. O método de ensino atual apresenta um novo perfil de alunos, sendo estimulados para exercerem o seu protagonismo.

No ano de 2007 ocorreu um momento inovador o qual nunca tinha acontecido em nossa vivência escolar no Ceciliano Gomes. Por volta do mês de Agosto, fomos informados pela professora que iríamos participar da feira de ciências da Escola Padre Simão Fileto, na cidade de Cubati. Então, começamos a pensar no que iríamos apresentar nessa oportunidade, já que as escolas rurais que haviam sido convidadas deveriam expor algum trabalho na respectiva ocasião. Como não tínhamos muitas coisas para fazermos, a professora achou interessante que nos apresentássemos um texto escrito por ela contando a história de uma senhora já falecida, bastante conhecida na localidade. Essa senhora chamada de Querubina Maria da Conceição, era a minha tataravó, bisavó de meu avô paterno.

Essa senhora era uma benzedeira¹⁵ bastante conhecida na região e muito procurada até por pessoas de outros municípios, os quais acreditavam sarar das enfermidades das quais fossem vítimas através das rezas da referida mulher. Além

¹⁵ Benzedeiros ou rezadores, podendo também ser considerados como curandeiros, são pessoas que detêm uma série de conhecimentos ligados à religiosidade, o que geralmente se compõem de rezas e orações, geralmente cristãs, associadas ao catolicismo romano ou a religiões de vertente africanas ou indígenas. Geralmente durante as benzeduras os benzedores utilizam-se para além de orações, de galhos de plantas (geralmente, arruda, alecrim etc.) com os tais ramos de arvores os benzedores realizam movimentos e dependendo da pessoa ou da necessidade passa os ramos pelo corpo da pessoa alvo da reza. Também pode-se rezar através de rosários ou orações realizadas em frente a velas acesas. Na minha infância eu frequentava muito a casa destes benzedeiros. Minha avó paterna é uma das tais e reza quebrante e mal olhado. Quando adoecíamos e o caso era mais grave era necessário ir até algum rezador mais experiente, inclusive para ser curado de mordida de aranhas que eram muito comuns mediante as casas em que vivíamos. Os benzedeiros geralmente predominam com mais abundância em áreas onde a população é desassistida em relação à saúde, ou vulneráveis financeiramente. Na falta de médico ou de condições de comprar remédios os benzedeiros e seus conhecimentos religiosos e medicinais naturais eram a solução encontrada para a cura de diversas enfermidades tanto corporais quanto espirituais.

disso, ela também era parteira e celebrava novenas católicas. Meu avô conta muitas histórias acerca de como essa mulher era sabia e respeitada e afirma que as pessoas que ela rezava saravam de suas moléstias.



Figura 20: Feira de ciências no colégio Padre Simão Fileto em 2007.

Fonte: Arquivo pessoal, (2007).

Nesse momento acredito ser muito interessante relatar algumas questões que observei durante a realização da respectiva feira de ciências. Quando adentrei o colégio Padre Simão Fileto naquela oportunidade, fiquei muito surpreso, parecia que eu estava em outro mundo, onde as escolas eram limpas e super organizadas, de tal maneira que os espaços pareciam até brilhar e alguns deles eram muito perfumados por causa dos produtos que os servidores usavam na limpeza, cheiros aos quais eu não estava acostumado.

O piso não tinha buracos, as paredes não tinham rachaduras e não era infestado de pardais. Era tudo muito limpo, muito bem cuidado e organizado, em nada se parecia com o Ceciliano Gomes, inclusive as pessoas se comportavam de forma diferente. Notei a maneira como eles falavam, muito educados e se comunicavam na norma culta da língua portuguesa, não ouvi nenhum deles falando na linguagem popular que eu conhecia, e assim fiquei envergonhado de conversar com quem quer que fosse.

As salas eram muito extensas e tinham espaço de sobra. Cada sala daquelas era quase do tamanho do Ceciliano Gomes inteiro, cheias de cadeiras de tal maneira que ninguém necessitava sentar-se no chão, caso chegasse atrasado à escola. As cadeiras eram em sua maioria novas ou em bom estado de conservação. Havia televisores em algumas salas, onde em uma delas assistimos a um pequeno filme contando a história do município, eram televisores grandes, de 29 polegadas, naquela época eram aparelhos de última geração e somente possuía uma daquela quem tinha melhor condição financeira.

Então, refleti o porquê de toda aquela diferença. Comparando o Ceciliano Gomes com aquele colégio eu percebi que nós não tínhamos praticamente nada, o conforto não era o mesmo e as condições de ensino aprendizagem também não. Embora na época eu não compreendesse, me questionei porque éramos tão abandonados, porque a escola rural não era valorizada e porque não éramos vistos pela gestão municipal. E na época eu cheguei à conclusão que talvez não fossemos importantes ou que eles haviam gastado muito dinheiro nas escolas urbanas e não havia sobrado para investir nas escolas rurais.

O currículo era composto pelas seguintes disciplinas, Português, Matemática, Ciências, História, Geografia, Artes e Ensino Religioso. Cada dia da semana era uma disciplina específica. As notas nas disciplinas consistiam em além das que fossem obtidas nas provas, no fazer todas as atividades e constar um bom comportamento. Em relação à disciplina de Artes, a pontuação era atribuída mediante a participação na confecção e ornamentação da escola por ocasião das datas comemorativas.

Embora Ensino religioso constasse no currículo não tínhamos aula dessa disciplina e as notas atribuídas para este componente dependia da vontade da professora, baseada no critério que deveríamos assistir as missas católicas que eram realizadas na própria escola Ceciliano Gomes. Não existia nenhuma crítica com relação ao funcionamento da disciplina nesse formato. Primeiramente porque a secretaria de educação não orientava acerca dessas questões e nem vislumbrávamos a existência de debates acerca dessa temática. Como a maioria dos alunos eram considerados católicos não havia nenhuma obstrução em termos de alguém opor-se criticamente a esse modelo, as famílias dos alunos eram sumariamente católicas e ainda existia grande preconceito por parte dos alunos e familiares com as religiões protestante e afro-brasileiras.

O ensino religioso, que deveria justamente buscar quebra de preconceitos e paradigmas faziam justamente o contrário. O certo seria estudar cada religião, conhecer as crenças e funcionamentos de cada fé e não privilegiar uma religião nacionalmente dominante (como a religião católica era, ainda mais naquela época) em detrimento de outras marginalizadas e alvo de preconceitos.

Éramos praticamente obrigados a acompanharmos as celebrações, visto que a professora estaria lá, para além de assistir à missa, observa se algum aluno havia faltado. O aluno que não comparecesse a celebração, teria que prestar explicações na

segunda-feira, pois as missas ocorriam às sextas-feiras por volta das 16h00min horas geralmente uma vez por mês.

Estudavam nessa época três alunos evangélicos na turma, eram duas meninas e um menino, os quais eram dispensados de assistirem a celebração católica, mas a professora os exortava que deveriam ir para o culto, embora ela não fosse ao culto para comprovar a presença desses alunos, ela confirmava com as mães desses estudantes se eles haviam comparecido a celebração protestante.

Lembro-me que antes de iniciar cada dia letivo era costume a realização de orações católicas em sala de aula. A professora Lúcia ordenava que todos os estudantes que estivessem presentes saíssem de seus lugares em direção à frente da sala de aula, perto do quadro negro e assim fossem dando as mãos uns aos outros e formando um círculo, nos mandava que fizéssemos absoluto silêncio e escutássemos os sons da natureza.

Após contemplarmos os sons da natureza e agradecermos pela criação divina, a professora sinalizava que era o momento de iniciar a rezar em voz alta a oração do Pai nosso, todos ao mesmo tempo. Também rezávamos Ave Marias e Santa Marias. Finalizando as rezas a professora começava a cantar uma canção católica, geralmente era sempre a mesma, que dizia “mãezinha do céu eu não sei rezar, só sei te dizer que eu quero te amar. Azul é teu manto, branco é teu véu, mãezinha eu quero te ver lá no céu”. Esse trecho era repetido por duas vezes. Embora dispensados de irem às missas, os alunos evangélicos não conseguiam fugir dessas orações. Mesmo que não rezassem, tinham de obedecer e figurar de mãos dadas com os demais.



Figura 21: Pequena capela suspensa na parede da Escola Ceciliano Gomes, contendo imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Fonte: Arquivo pessoal, 2007).

Observando a imagem acima que ficava em uma pequena capela suspensa na parede da escola, podemos perceber que o ambiente da sala de aula se confundia também com os preceitos da religião católica, em muitos momentos, principalmente

durante o mês de maio, (considerado o mês Mariano) era costume acendermos velas aos pés dessa estátua como uma homenagem a Maria já que nesse mês ela era celebrada e ademais todas as noites durante o mês de maio eram realizadas novenas a partir das sete horas. Também existia um crucifixo pregado na parede acima do quadro. Acerca destas questões FRAGO salienta que

O edifício-escola, como se sabe, serviu de estrutura material para colocar o escudo pátrio, a bandeira nacional, as imagens e pensamentos de homens ilustres, os símbolos da religião, algumas máximas morais e higiênicas, o campanário e o relógio... Isso explica toda uma instrumentação da escola a serviço dos ideais nacionais, religiosos e sociomorais. (FRAGO, 2001, p.40).

Em um país onde a constituição garante um estado laico e, portanto, separado da igreja isso não devia ocorrer. Eis os frutos da educação tradicional e opressora, a qual dialogando com Freire, gera “arquivistas” e não pensadores críticos em relação às estruturas de mundo no qual se encontram inseridos.

O modelo tradicional de ensino no Ceciliano Gomes

A metodologia de ensino seguida nessa época era a do currículo tradicional, nos moldes de um ensino opressor, tal qual criticado por Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido*, consistindo em um ensino sem críticas, sem questionamentos, sem transformação e sem mudanças, voltado para “a narração de conteúdos que, por isso mesmo, tendem a petrificar-se ou a fazer-se algo morto, sejam valores ou dimensões concretas da realidade. Narração ou dissertação que implica um sujeito – o narrador – e objetos pacientes, os educandos”. (FREIRE, 2005, p.62).

Nesses moldes de ensino o professor é visto como aquele sujeito que sabe tudo, e os alunos como os que não sabem e dependem do professor para aprender. Além disso, somente é repassado aos alunos o que já está posto nos livros, muitas vezes e na maioria delas uma realidade alheia ao cotidiano dos alunos.

A escola era multisseriada.¹⁶ Os alunos eram agrupados em círculos em cada recanto da sala, de acordo com a série correspondente. Essa divisão funcionava bem no turno da tarde, pois os alunos eram de outra faixa etária e comportavam-se melhor, além

¹⁶ São escolas que geralmente ficam localizadas na zona rural, com a finalidade de atender os estudantes camponeses. Na maioria dos casos e como ocorria no município de Cubati, essas escolas contam com uma única sala de aula assim como com um único profissional docente, o qual se encarrega de ministrar os conteúdos curriculares a todas as séries de alunos que estudem na instituição. Nesse modelo de ensino alunos de idade e de níveis de conhecimentos diferentes convivem e relacionam-se conjuntamente.

da quantidade de alunos que era menor. No turno da manhã não se buscava seguir essa divisão, os alunos da primeira série e os da alfabetização misturavam-se o tempo todo, pois eram muitos e ainda bem novos.

Separados os alunos, a professora passava atividades para duas séries, enquanto passava a explicar o assunto do livro didático para a outra. Esse esquema era aplicado todos os dias (no vespertino) de aula durante todo o ano letivo.

Falando especificamente da disciplina de História, posso afirmar que era uma das que eu mais gostava juntamente com Língua Portuguesa, Geografia e Ciências. Sempre gostei muito de estudar História e embora na época eu não percebesse, justamente por causa do ensino que era-nos repassado e por não existir nesse contexto um ensino histórico crítico nas escolas, a disciplina era totalmente voltada para a memorização de datas históricas, de acontecimentos tidos como importantes pelo currículo tradicional, temas sempre ligados ao homem branco ocidental enquanto sujeito principal das tramas históricas. Os conteúdos que estudávamos eram verdadeiros “retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação”. (FREIRE,2005, p.65).

No momento de explicar os assuntos curriculares, Lúcia sentava-se ao nosso lado no círculo correspondente a série que estivéssemos cursando e nos mandava abrir o livro didático nas páginas correspondentes ao assunto que seria estudado. Ela iniciava a leitura e parando em determinado ponto indicava a pessoa que deveria continuar lendo e assim sucessivamente, cada aluno tinha de ler, valia ponto e caso se recusasse saíria prejudicado correndo risco até de ser reprovado por falta de participação. No decorrer da leitura, era de costume a professora explicar o texto lido, mas nenhuma novidade era acrescentada, nenhuma problematização feita, era tudo muito mecânico e repetitivo.

Não ficávamos somente nos textos do livro didático, principalmente a partir de 2006, época em que Lúcia comprou um computador. Lembro-me que ela chegou à sala de aula muito contente nos informando que agora as nossas provas seriam impressas e não mais manuscritas como era até então. Entre 2006 e 2007, após comprar o computador, Lúcia costumava trazer textos retirados da internet, os quais ela copiava no quadro para que transcrevêssemos para o caderno, assim poderíamos responder as atividades propostas e nos prepararmos para as avaliações. Não era viável ela imprimir todos os textos, pois os cartuchos de tinta eram caros e a quantidade de alunos era grande.

Hoje percebo que a educação que recebi no Ceciliano Gomes era totalmente enquadrada no tradicionalismo educacional, expresso através da narração dos conteúdos e arquivamento dos mesmos, onde “a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guarda-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam.” (FREIRE, 2005, p.66).

Quando tratamos do modelo de ensino tradicional, precisamos compreender que assim como em outros modelos educacionais essa abordagem, dadas as suas particularidades e características, delimitam a maneira que o professor se move pedagogicamente em sua prática educacional em sala de aula. Acerca deste tipo de ensino Mizukami (1986) salienta que

Considera-se aqui uma abordagem do processo ensino-aprendizagem que não se fundamenta implícita ou explicitamente em teorias empiricamente validadas, mas numa prática educativa e na sua transmissão através dos anos. Esse tipo de abordagem inclui tendências e manifestações diversas. (p.7).

Amparados nas contribuições de Mizukami (1986) acerca desse modelo de ensino, também podemos compreender que a educação não pode ser considerada como algo transmitido ou apresentado através de uma única concepção educacional, pois

Há várias formas de se conceber o fenômeno educativo. Por sua própria natureza, não é uma realidade acabada que se dá a conhecer de forma única e precisa em seus múltiplos aspectos. É um fenômeno humano, histórico e multidimensional. Nele estão presentes tanto a dimensão humana quanto a técnica, a cognitiva, a emocional, a sócio-política e cultural. (p.1).

De acordo com o pensamento de Mizukami acerca desta questão, podemos perceber que existem diversas e diferentes maneiras e possibilidades em que o conhecimento pode ser produzido ou construído, através de várias metodologias e não somente na expressão tradicional de ensino.

No modelo tradicional não existe incentivo à diversidade de pensamento e nem instigação ou incentivo para tal, acredita-se que o aprendizado já está pronto, sendo necessário somente decora-lo e repete-lo quando necessário, vemos assim a expressão do que Paulo Freire muito assertivamente denominou de “educação bancária” onde se escuta, arquivam-se e repete-se.

Nesse contexto educacional o professor atua como protagonista, estando sempre “intimamente ligado a transmissão de certo conteúdo que é pré-definido e que constitui o próprio fim da existência escolar, e pede-se ao aluno a repetição automática dos

dados” (p.15). Então predomina uma relação vertical entre professor e alunos. O professor que figura como personagem de autoridade máxima em sala de aula

Detém o poder decisório quanto a metodologia, conteúdo, avaliação, forma de interação na aula etc. Ao professor compete informar e conduzir seus alunos em direção a objetivos que lhes são eternos, por serem escolhidos pela escola e ou pela sociedade em que vivem e não pelo conjunto do processo. (MIZUKAMI, 1986, p.14).

Nessa perspectiva, de acordo com MIZUKAMI (1986, p.8) “o homem é considerado como inserido em um mundo que irá conhecer através das informações que lhes serão fornecidas e que se decidiu serem as mais importantes e úteis para ele”. Assim, o conhecimento encontra-se pronto e é dado pelo professor aos alunos, meros depósitos das informações, “receptor passivo, até que repleto das informações necessárias, pode repeti-las a outros que ainda não as possuem, assim como podem ser eficientes em suas profissões quando de posse dessas informações e conteúdos” (p.8). Por conseguinte, acerca do conhecimento dentro do contexto educativo tradicional, de acordo com Mizukami (1986),

Parte-se do pressuposto de que a inteligência, ou qualquer outro nome dado à atividade mental, seja uma faculdade capaz de armazenar\acumular informações. A atividade do ser humano é incorporar informações sobre o mundo (físico, social etc.), as quais devem ir das mais simples as mais complexas. (p.10).

MIZUKAMI também apresenta que “a educação é um processo amplo [...] na maioria das vezes é entendida como instrução, caracterizada como transmissão de conhecimento e restrita a ação da escola”. A autora também nos mostra que,

A abordagem tradicional é caracterizada pela concepção de educação como um produto, já que os modelos a serem alcançados estão preestabelecidos, daí a ausência de ênfase no processo. Trata-se, pois, da transmissão de ideias selecionadas e organizadas logicamente. Este tipo de concepção de educação é encontrado em vários momentos da história permanecendo atualmente sob diferentes formas. (p.11).

Lancemos olhar para a escola, a qual na educação tradicional configura-se como o lugar aonde os alunos vão para ser educados, para aprender a ter um bom comportamento e obter regras que lhe deverão guiar durante a vida, nesse sentido é

O lugar por excelência onde se realiza a educação, a qual se restringe em sua maior parte em um processo de transmissão de informações em sala de aula [...] o tipo de relação social estabelecido nessa concepção de escola é vertical, o professor (autoridade intelectual e moral) para o aluno. A possibilidade de cooperação entre os pares são reduzidos, já que a natureza de grande parte

das tarefas destinadas aos alunos exige participação individual de cada um deles. (MIZUKAMI, 1986, p.12).

O ensino tradicional é acrítico, não se preocupa em formar cidadãos reflexivos acerca das estruturas de mundo que os cercam, pauta-se, sobretudo na transmissão de conteúdos prontos e acabados, transmitido pelo professor e recebidos e copiados pelos alunos, que devem decorar ou arquivar, sendo assim

Em termos gerais, é um ensino caracterizado por se preocupar mais com a variedade e quantidade de noções/conceitos/informações que com a formação do pensamento reflexivo [...] daí esse ensino ser caracterizado pelo verbalismo do mestre e pela memorização do aluno. (MIZUKAMI, 1986, p.14).

Acerca da metodologia utilizada no ensino tradicional, observamos a realização de aulas expositivas, onde o professor desenvolve sua oratória em frente aos alunos, os quais devem escutar e guardar os pontos principais ou aquilo que for necessário para conseguir responder as atividades e as provas, nas quais devem repetir através da escrita o que ouviram do professor ou o que copiaram do quadro acerca dos assuntos, com relação a esse método Mizukami diz o seguinte

Se baseia mais frequentemente na aula expositiva e nas demonstrações do professor a classe, tomada quase como auditório. O professor já traz o conteúdo pronto e o aluno se limita, passivamente, a escuta-lo [...] A repetição dos conteúdos feita pelos alunos, de forma automática e sem variações. Na maioria das vezes, é considerada como um poderoso e suficiente indicador de que houve aprendizagem. (MIZUKAMI, 1986, p.15).

Nesse molde educacional, a avaliação do aluno e sua conseqüente aprovação ocorrem de acordo com a quantidade e perfeição de repetições de conteúdos aprendidos nas aulas. Quanto mais repetir por escrito informações nas provas, exames ou exercícios tanto melhor o aluno será, entendendo-se assim que os conteúdos passados nas aulas foram aprendidos, através “da quantidade e exatidão das informações que se consegue reproduzir” (MIZUKAMI, 1986, p.15).

Na educação tradicional não existe espaço para a crítica, é como se tudo que está no livro fosse verdade absoluta, algo inquestionável. Não se levam em consideração as diferenças de várias ordens existentes em cada aluno, seres únicos em suas particularidades. Essas diferenças não são observadas nem abarcadas pelo currículo, transmite-se a ideia de igualdade, como se todos tivessem as mesmas capacidades de aprendizado, por isso, “não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só

existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo.” (FREIRE, 2005, p.67).

Portanto, compreendo que durante os cinco anos em que estudei no Ceciliano Gomes, me constitui e fui pedagogizado dentro dos padrões requeridos pelo ensino tradicional, ou seja, um aluno que comporta-se muito bem, e para tal deve estudar em silêncio, não ser bagunceiro e obedecer as ordens superiores na hierarquia da escola. Para o modelo tradicional de ensino, o aluno bom é aquele que não fala nas aulas, que escuta a explicação dos conteúdos em silêncio, sendo um bom depósito de informações prontas e sem sabor, que não excitam a curiosidade e proporcionam o comodismo e a acriticidade.

Não devemos aceitar passivamente esse modelo de ensino nas escolas de nosso tempo. Busquemos defender que a escola proporcione os meios necessários para que os alunos possam desenvolver sua autonomia e com as próprias mãos trabalhem na construção do conhecimento.

III CAPÍTULO- “ESTUDO DE POBRE NÃO SERVE PARA NADA” (RE) SIGNIFICANDO MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar,”
(Paulo Freire, 1997, p.71).

Quando começo a refletir acerca da palavra “caminhos” muitas memórias acerca de minha trajetória sobressaltam a minha mente. É notório que existem caminhos fáceis de trilhar, largos, planos, asfaltados etc. Não foi nestes que realizei meu percurso de vida até o tempo presente. Sempre caminhei por veredas estreitas, cheias de mato, espinhos, buracos, pedras e animais peçonhentos prontos para atacar. Nessas veredas aprendi que não dá para fugir ou desviar dos obstáculos, pois é preciso prosseguir com resiliência e principalmente resistência. São nesses caminhos difíceis de trilhar que ganhamos experiência, como diria Freire vamos “refazendo e retocando” os nossos sonhos e objetivos ao longo da jornada.

Assim, enquanto caminhava fui aprendendo a fazer o meu próprio caminho, trilhando ou construindo minhas próprias veredas e me reconstruindo a cada passo dado e a cada vitória alcançada. Até os dias atuais eu me construo e reconstruo e também destruo mediante as novas experiências e as ressignificações no presente das experiências passadas.

Considero as intempéries destes caminhos como os obstáculos que encontrei em minha vida durante a caminhada, tanto em nível pessoal, como também no aspecto educacional. Percorrer esses caminhos não foi fácil, mas acredito que os troféus que mais valorizamos, são justamente aqueles que mais esforço empreendemos para conquista-los.

Pensando nisso, neste capítulo irei narrar alguns dos caminhos que percorri no âmbito educacional até entrar para cursar História na UFCG. Problematizo a educação que recebi no Colégio Padre Simão Fileto e no Iolanda Tereza Chaves de Lima, apontando as experiências que vivi na Universidade Federal de Campina Grande e, sobretudo como a docência compartilhada possibilitada pelo PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência) contribuiu na minha formação como professor de História.

Torna-se necessário compreender que nesse capítulo irei tratar acerca de minhas experiências educacionais a partir do ano 2008, momento em que inicio minha

caminhada no ensino fundamental II, alongando-me até o percurso acadêmico na UFCG.

Caminhos formativos que trilhei: Do Colégio Municipal Padre Simão Fileto a Universidade Federal de Campina Grande

No ano de 2007 concluí o primeiro ciclo do ensino fundamental, o qual cursei na Escola municipal Ceciliano Gomes, assim, em 2008 iniciou-se um novo momento em minha vida, neste tocante, não estou necessariamente dizendo que as coisas mudaram ou que tenham melhorado. Estou me referindo a ter concluído a quarta série e assim ter ido estudar em um colégio na cidade. Comecei os estudos no Padre ¹⁷Simão Fileto¹⁸ no mês de fevereiro, no sexto ano, antiga quinta série. Estudei no referido colégio até o 9º ano, única série em que fui reprovado.



Figura 22: Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio Padre Simão Fileto
Fonte: Google Maps, 2022¹⁹.

No colégio as coisas continuaram quase como eram no Ceciliano Gomes, basicamente o que havia mudado era que a escola que eu estudava no sítio ficava perto de minha casa e eu ia e vinha todos os dias a pé. Quando comecei a estudar na cidade, e como o colégio ficava distante, eu ia e voltava de ônibus, o qual passava em frente a

¹⁷ De acordo com Souto (2012), Padre Simão Fileto (Simão Patrício Pires) era influente por ser de família coronelista, sendo sobrinho do governador da Paraíba, na época (Sólton de Lucena) e irmão do deputado Otacílio de Albuquerque. (P.28).

¹⁸ De acordo com SOUTO (2012) o Colégio Padre Simão Fileto é o principal educandário até os dias de hoje, iniciou seus trabalhos educacionais em 10 de abril do mesmo ano de sua inauguração, apenas com uma 5ª série, pois não havia alunos suficientes para preencher todas as séries do ensino fundamental II e o 2º grau. É importante ressaltar que no ano de 1982 foi cedido o prédio do município ao estado para o funcionamento da Escola Estadual de 1º e 2º Grau Iolanda Tereza Chaves Lima, por aproximadamente 20 anos. (p.30)

¹⁹ Acesso em 05/12/2022. Disponível em <https://www.google.com/maps/@-6.8645564,-36.3513256,3a,75y,302.54h,73.15t,0.26r/data=!3m6!1e1!3m4!1srg7DjvyNVm7PX15bl68hQQ!2e0!7i13312!8i6656>

minha casa por volta de 12h15min (meio dia e quinze) e retornava às 17h30min (cinco e meia da tarde), mas eu só chegava de volta em casa por volta das 18h30min (seis e meia da tarde).

Outro fator diferente era a quantidade de disciplinas que havia aumentado e também porque para cada disciplina havia um professor encarregado de ministrar, diferentemente de minha escola anterior onde a professora Lúcia era quem ensinava todas as matérias a todas as séries. Também pude cursar disciplinas novas como, por exemplo, Educação Física e Língua Inglesa e a partir do nono ano Química e Física.

A metodologia de ensino praticada no colégio Padre Simão Fileto nessa época em quase nada diferia da que era realizada em minha escola anterior e seguiam os moldes de uma “²⁰Educação bancária” tal qual discutida por (FREIRE, 2006, p.61). Os professores chegavam à sala de aula e imediatamente começavam a escrever no quadro o assunto que devíamos copiar no caderno. Quando não tinham nenhum texto para escrever no quadro eles nos orientavam a fazer atividades, na maioria das vezes as que estavam propostas no livro didático.

Meu primeiro professor de História no Padre Simão foi Válber Silva, suas aulas eram muito interessantes embora não fossem muito críticas conforme se espera de uma disciplina como a que ele lecionava, entretanto era satisfatório e acredito até ousado demais para os padrões da época.

Válber costumava nos instigar a participarmos das discussões em suas aulas, de repente, no meio das explicações dos conteúdos ele parava e ficava olhando fixamente para algum estudante e repetindo a palavra “se manifeste”, na verdade soava mais como engraçado do que como um incentivo a fazer alguém falar. Ele também saía jogando o apagador pelo chão perto dos pés dos alunos dando volta por toda a sala jogando, recolhendo e jogando novamente, nos riamos disso e quebrava um pouco do engessamento cotidiano ao qual estávamos acostumados.

²⁰ De acordo com Paulo Freire, Educação bancária consiste no modelo tradicional de ensino, onde o professor é o protagonista do processo educacional e os alunos são “depósitos” de informações transmitidas a estes pelo professor. Nesse modelo educacional o professor que é o detentor do saber é responsável por transmitir conteúdos e os alunos devem ouvir e memorizar, com a finalidade de responder atividades e provas necessárias para obtenção de pontuação que garanta sua aprovação ao final do ano letivo. Nesse contexto não existe espaço para dúvida, para os questionamentos e para o pensamento crítico. A Educação bancária é justamente o contrário da educação libertadora, esta sim promove a construção do conhecimento em conjunto, alunos e professores lado a lado crescendo juntos e aprendendo e ensinado uns aos outros, possibilitando assim que os estudantes tenham autonomia de pensamento e construção do próprio aprendizado.

Fui aluno de outros professores no Padre Simão, os quais seguiam metodologias muito parecidas, amparavam-se sumariamente no livro didático, repetiam os conteúdos conforme se encontrava escrito no livro, passavam atividades as quais em algumas oportunidades eram seminários, liamos, decorávamos e repetíamos frente os demais alunos presentes em sala de aula alguns usando slides construídos no Power Point e outros que não tinham computador para criar as apresentações, usavam cartolinas, nas quais colavam imagens e transcreviam textos do livro didático.

Nessa época a escola Padre Simão Fileto já dispunha de muitas inovações consideradas avançadas para o contexto da época, dispunha de uma sala de vídeo completa com televisões e computadores, parecia com um auditório, também tinha sala de computação, que não servia praticamente para nada, pois a direção da escola não permitia que os alunos usassem os computadores.

Continuei tirando boas notas, embora isso não valesse para a disciplina de Matemática, matéria em que eu jamais obtive um bom desempenho e com relação ao comportamento segui como antes, me comportava muito bem, ficava em silêncio a maior parte do tempo, não fazia bagunça e cumpria com as atividades propostas, nunca fui expulso de sala de aula e a única vez em que fui chamado à diretoria foi por causa de uma mentira que inventaram sobre mim.

No recreio raramente eu saía de sala de aula, também não costumava merendar. Desde muito jovem eu tenho um problema grave de timidez, nesta época essa timidez era muito maior do que hoje, de tal maneira que eu praticamente não suportava estar sendo observado. Eu fui muito maltratado durante minha vida toda, desde a infância, pessoas de minha própria família me chamavam de porco, de sapo boi etc. Na escola, nessa época me chamavam de mamute, de elefante, seu barriga, Faustão etc. Com isso eu tinha muita vergonha de sair da sala, não conseguia sequer caminhar com tranquilidade pelos corredores da escola.

Embora tivesse muita vontade de merendar eu suprimia e não saía para fazê-lo. Como eu era vítima de gordofobia ao chegar à cantina, alguns gaiatos gritavam que eu iria comer tudo, diziam que me deixassem por último na fila, se não iria sobrar nada e outras coisas desse tipo.

O intervalo entre as aulas momento no qual era servida a merenda ocorria às 15h15min da tarde. Quando o sinal tocava se ouvia a gritaria das centenas de alunos correndo como formigas em direção à cantina onde se formava uma fila imensa.

Geralmente a maioria dos apressados eram meninos que corriam para merendar rápido para poder seguir para a quadra de esportes com a finalidade de jogar cinco ou dez minutos de futebol já que o intervalo durava quinze minutos, mas grande parte prolongava a estadia na quadra até voltar para a sala.

A merenda era quase sempre a mesma, a boa e velha sopa, algum dia por semana acontecia de ser arroz de leite e raramente cuscuz com frango. Quem tinha dinheiro costumava comprar pastéis, enroladinhos ou cocadas de uma senhora que pouco antes do intervalo chegava à escola e ficava na entrada da mesma.

Como falei anteriormente, a única série em que fiquei reprovado foi o 9º ano em 2011. Ainda hoje quando relembro essa reprovação me arrependo muito por não ter me empenhado nos estudos naquele ano. Na época eu fiquei alguns dias com um sentimento muito ruim, deprimido mais do que o habitual. Mas essa experiência também me faz perceber que embora ocorram acontecimentos inesperados e desagradáveis em nossa vida é necessário sempre buscar contornar as intempéries e prosseguir conforme for possível.

Então resolvi que iria mudar de escola, sai do Padre Simão Fileto e fui estudar no ano de 2012 na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Iolanda Tereza Chaves de Lima conhecido popularmente no município como o Terezinha. Na Escola Iolanda Tereza cursei novamente o 9º ano ao qual havia reprovado anteriormente, e ali também estudei durante todo o ensino médio.

Cursar o 9º ano no Iolanda Tereza foi uma experiência nova e bastante positiva. A escola não tinha boas condições, o chão das salas tinham buracos imensos, as cadeiras eram horríveis e durante o ano estudamos em várias salas e até na biblioteca, mas o ambiente era outro, completamente diferente do que eu havia vivenciado no ano anterior no Padre Simão. Primeiramente porque a quantidade de alunos na turma era pouca e os professores muito amigáveis e receptíveis.

Por isso, considero que o ano de 2012 foi em relação aos estudos muito proveitoso para mim. Pude experienciar novas metodologias de ensino, o que me possibilitou estudar com mais afinco e motivação, de tal maneira que no terceiro bimestre eu já tinha pontuação que me possibilitava ser aprovado, com exceção das disciplinas de Matemática e Física.



Figura 23 e 24: Parte frontal e entrada principal da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Iolanda Tereza Chaves de Lima
Fonte: Google mapas, 2022²¹.

Comecei a cursar o ensino médio no ano de 2013, época em que o governo do Estado estava implantando nas escolas estaduais o Pro EMI²² (Programa Ensino Médio Inovador), o que significava estudar em tempo integral. Dessa forma, eu saía de casa por volta das 05 e 30 da manhã e somente retornava próximo das 18 e 30 da tarde. Como era o primeiro ano de implantação desse projeto, estava-se realizando como um teste para que gradativamente esse programa fosse sendo ampliado e melhorado, para isso era necessário acompanhar o progredir das atividades nesse novo modelo de escola.

No ensino médio inovador, além das disciplinas que já constavam tradicionalmente no currículo, fora acrescentada língua espanhola e os macro-campos²³, aulas dos quais ocorriam no período da tarde. Como a escola não oferecia as condições necessárias para desenvolvimento das atividades referentes às respectivas disciplinas e os professores não receberam a formação necessária para coordenar o desenvolvimento das atividades nos macro-campos, eles ficavam na sala geralmente jogando conversa fora ou nos permitiam estudar assuntos pendentes de outras disciplinas.

Entretanto, houve alguns pontos positivos, mas somente durante 2013, pois, mesmo estando em condições lastimáveis ainda tínhamos um prédio escolar. Nesse mesmo ano eu me apliquei bastante nos estudos e até cheguei a concorrer à presidência do grêmio estudantil ficando em segundo lugar em quantidade de votos.

²¹ Acesso em 05/05/2022. Disponível em <https://www.google.com/maps/@-6.8645564,-36.3513256,3a,75y,302.54h,73.15t,0.26r/data=!3m6!1e1!3m4!1srg7DjvyNVm7PXI5bl68hQQ!2e0!7i13312!8i6656>

²² O Programa Ensino Médio Inovador (Pro EMI) fez parte do PDE (Plano de Desenvolvimento da Educação), tendo como finalidade a busca por redesenhar o currículo do ensino médio, visando possibilitar educação de melhor qualidade o que resultaria em maiores taxas de aprovação e menores taxas de reprovação e evasão escolar.

²³ Os macro-campos no ensino médio inovador eram disciplinas extras e denominavam-se como, Acompanhamento Pedagógico (AP); Iniciação Científica e Pesquisa (ICP); Leitura e Letramento; Produção e fruição das Artes (PFA); Comunicação e uso de mídias digitais (CCDM).



Figura 25 e 26: Quadra de esportes da Escola Estadual de Ensino fundamental e Médio Iolanda Tereza Chaves de Lima.

Fonte: Google mapas, 2022²⁴.

Na Escola Iolanda Tereza não contávamos com uma quadra de esportes em boas condições onde pudéssemos praticar alguma atividade ou mesmo participar de aulas práticas na disciplina de Educação Física, por isso as aulas dessa disciplina eram apenas teóricas. A quadra era apenas uma área encimentada, espaço este que não era varrido o que fazia com que juntasse grande quantidade de espinhos (do tipo conhecido popularmente como cabeça de touro) o que fazia com que quem transitasse naquele espaço acabasse espinhando os pés. Também não era um espaço coberto o que impedia sua utilização caso estivesse chovendo ou em dias quentes por causa do sol causticante que provocava um calor muito grande, ainda mais quando o cimento do piso aquecia.

Em 2013 uns professores tentaram reativar a quadra, colocaram uma rede de vôlei, mas como não conseguíamos suportar o sol quente demais acabamos por utilizar poucas vezes e somente quando estava nublado. Perto da quadra ficavam uns pés de cajueiro onde havia uns escorregadores onde os alunos se sentavam e geralmente ficavam conversando na hora dos intervalos. Era um lugar legal por causa do vento que soprava espantando assim um pouco do calor da tarde.

Em 2014, agora no segundo ano do ensino médio, a escola foi demolida para construção de um novo prédio escolar. Com isso, tivemos de estudar durante todo o segundo e terceiro anos em salões alugados²⁵ espalhados pela cidade. Era horrível,

²⁴ Acesso em 05/12/2022. Disponível em <https://www.google.com/maps/@-6.8645564,-36.3513256,3a,75y,302.54h,73.15t,0.26r/data=!3m6!1e1!3m4!1srg7DjvyNVm7PX15bl68hQQ!2e0!7i13312!8i6656>

²⁵ Esse ponto comercial onde eu estudei o segundo e o terceiro ano do ensino médio era muito extenso e comportava duas turmas, pois existia uma parede no meio que o dividia formando dois compartimentos muito extensos tendo uma por uma porta de madeira na parede divisória entre os dois espaços. Essa porta ficava fechada durante o período em que as aulas estivessem ocorrendo, mas nos intervalos os alunos abriam e ficavam transitando de uma para outra parte. Nesse local estudaram as duas turmas do segundo

principalmente porque não tinha banheiros. Não foram poucas as vezes que tive de sair até o hospital da cidade ou para a prefeitura para poder usar o sanitário.



Figura 27: Ponto comercial alugado pelo colégio onde estudei o segundo e o terceiro ano do ensino médio. (Antes no local funcionava uma loja de material de construções e atualmente funciona uma loja de roupas).

Fonte: Google mapas, 2022²⁶.

O descaso era muito grande por parte da direção da escola, a qual não se importava com as precárias condições em que estávamos estudando. Nesses salões onde estudei os dois últimos anos do ensino médio o calor era insuportável, não fora colocado sequer um ventilador para refrescar minimamente o ambiente. Era um ponto comercial muito extenso em comprimento, além disso, o teto forrado com gesso fazia daquela sala um verdadeiro forno, principalmente por volta das onze horas da manhã até aproximadamente às quatro horas da tarde.

A temperatura era muito mais alta próxima desses portões, somente um deles era aberto, quando o portão que ficava fechado esquentava com o calor do dia era possível sentir as ondas de calor dentro da sala. Nos momentos de intervalo entre as aulas saíamos até umas árvores que ficavam do outro lado da rua para ver se o calor diminuía, para em seguida voltamos para a sala para assistirmos a próxima aula.

Para mim esse projeto não foi uma boa experiência, principalmente porque a escola não tinha estrutura adequada para acomodar os alunos de forma satisfatoriamente

ano em 2014 e as duas turmas do terceiro ano em 2015. Uma turma em cada parte. As três turmas do primeiro ano ficaram estudando em uma parte da escola que não fora inicialmente demolida e enfrentaram também muitos problemas como, por exemplo, a poeira e o barulho das máquinas e dos homens que estavam trabalhando. Também era comum as meninas serem assediadas pelos trabalhadores quando iam para as salas, a direção fazia vista grossa quanto a isso e nunca tomou nenhuma providência. A turma do terceiro ano fora privilegiada no ano de 2014, pois para eles fora alugada uma sala com ventilador e banheiro contendo até chuveiro.

²⁶ Acesso em 05/05/2022. Disponível em <https://www.google.com/maps/@-6.8645564,-36.3513256,3a,75y,302.54h,73.15t,0.26r/data=!3m6!1e1!3m4!1srg7DjvyNVm7PX15bl68hQQ!2e0!7i13312!8i6656>

confortável, eu diria até minimamente confortável. No meu caso era bem mais complicado porque eu não contava com familiares na cidade.

As refeições eram servidas na própria escola, o almoço ocorria por volta do meio dia, após almoçar quase todos os alunos dirigiam-se para casa ou para a casa de algum familiar com a finalidade de tomar banho e trocar de roupa, visto que os banheiros da escola apenas tinham vasos sanitários e geralmente viviam em imundas condições. Eu ficava na escola, o dia inteiro sem tomar banho, cansado e chateado, pensando há quase todo instante em abandonar a escola integral e ir estudar no período da noite onde o ensino era regular. Isso não aconteceu, estudei todo o ensino médio nesse formato, mas ainda hoje me arrependo muito.

Em dezembro de 2015, finalmente, após muitas lutas, altos e baixos eu consegui conclui o terceiro ano, finalizando enfim o ensino médio. No mês de novembro de 2015 eu havia feito o Exame Nacional do Ensino Médio. Quando as notas foram divulgadas e o período de inscrições para o Sisu (Sistema de Seleção Unificada) começou foi uma correria. Como eu não sabia como funcionava as inscrições necessitei da ajuda de terceiros.

O rapaz que fez minha inscrição no curso de Geografia da UFCG, curso para o qual fui aprovado já no primeiro semestre de 2016, não olhou o resultado dentro do prazo devido e como eu não sabia acessar o sistema nem realizar os procedimentos necessários acabei perdendo a data estabelecida pela universidade para o cadastramento o que me impediu de adentrar no curso. Eu não sabia que existiam cronogramas com datas específicas. Não tinha computador e muito menos celular, e nem acesso a internet, sequer sabia acessar o sistema dos programas do governo (Sisu e Pro Uni) e nem como fazia para verificar aprovação nas chamadas das universidades. Era uma humilhação e tanto.

Nessa época a escola estava muito desorganizada e regida por uma direção muito relapsa. Não houve nenhuma orientação acerca de como deveríamos proceder caso fôssemos aprovados no Enem, o que me prejudicou muito. Se alguém tivesse me auxiliado acerca dessas informações eu não teria perdido tanto tempo e passado por dois cursos antes de entrar em História.

No segundo semestre abriram novamente as inscrições do Sisu para o período 2016.2, novamente lá estava eu, precisando mais uma vez que fizessem minha inscrição. Não consegui ser aprovado na chamada regular, mas sim na segunda chamada da lista

de espera para o Curso noturno de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa. Quando o moço que havia feito minha inscrição avisou-me que eu havia sido selecionado comecei a correria para conseguir um carro que me trouxesse até Campina Grande, para na UFCG realizar o cadastramento. Para mim era complicado, haja vista nunca ter vindo em Campina e não conhecer nada na cidade, sendo necessário alguém que me acompanhasse. Consegui o transporte e na data marcada fui até a universidade e finalmente realizei o cadastramento.

No dia marcado para realizar a matrícula ocorreu um grande imprevisto. Eu iria me deslocar até a UFCG, no ônibus dos universitários à noite, mas este quebrou na véspera. E dessa forma, perdi a vaga no curso. Fiquei imensamente triste por mais de uma semana. Fiz o Enem novamente em 2016, prometendo a mim mesmo que em 2017 eu iria conseguir ser aprovado para alguma licenciatura. Quando as notas saíram me surpreendi bastante com o resultado, fora as notas mais altas que conseguir tirar dentre todos os Enem que havia realizado. Com essa pontuação pude finalmente entrar no curso de História no período 2017.1.

Em março de 2017 iniciei os estudos no curso de História na UFCG. Antes de entrar em contato com aqueles que seriam meus colegas de classe e também com os professores, eu imaginava que na Universidade se repetiria mais ou menos o que havia acontecido nas escolas em que eu havia estudado. Um dos maiores temores que eu tinha era do trote que eu escutava falar que era realizado com os calouros.

O Curso de História da UFCG

A primeira vez que adentrei a UFCG na condição de estudante, uma mistura de sentimentos muito grande tomou conta de meu ser, pois eu não sabia como seriam as coisas nesse novo mundo que eu estava começando a fazer parte.

No primeiro dia de aula, com o horário acadêmico em mãos passei a procurar o bloco BZ, sala 203, onde constava que ocorreria a aula de Introdução ao Estudo da História. Como eu não conhecia o campus andei por várias partes procurando o BZ, pedi informações a um servidor da limpeza que estava perto do Centro de Humanidades, agora com as coordenadas corretas segui até o bloco. Chegando, quase adentrei em uma sala onde uma turma de outro curso estava tendo aulas, perguntei se aquela turma era do curso de História, o professor me informou que não e me falou que a 203 ficava no

primeiro andar. Eu não sabia que o número da sala ficava na parte de cima da porta. Subindo as escadas cheguei finalmente à sala correta.

As incertezas e questionamentos tomavam conta de mim juntamente com muito nervosismo e um frio na barriga que chegava a me deixar enjoado. De frente à porta percebi que ela já se encontrava lotada o que aumentou ainda mais minha ansiedade. Passando os olhos pela sala entre tantos rostos desconhecidos, procurei uma cadeira vazia e encontrando, sentei-me perto da janela ao fundo da sala.

Como era a primeira vez que eu adentrava em uma sala universitária fiquei bastante surpreso, já que o ambiente não era bem conforme eu imaginava. Observando as paredes acinzentadas, logo percebi as cadeiras nada confortáveis juntamente com os aparelhos de ar-condicionado quebrados, rachaduras e infiltrações nas paredes e no teto. O calor insuportável apenas era rompido pela brisa inconstante que soprava pela janela lateral.

A referida janela foi dona de grande parte de minha atenção durante aquelas quase duas horas. Embora meus ouvidos estivessem atentos ouvindo o que se passava dentro da sala, meus olhos voltaram-se em muitos momentos para as árvores e também para o céu. Naquela manhã calorenta meus pensamentos estavam sobremodo aquecidos, enquanto eu esquadrihava o ambiente, entre a fala dos presentes na sala, o canto dos pássaros ao redor e os barulhos dos automóveis que transitavam dentro e ao redor da universidade eu me questionava.

Embora não estivesse perdido, encontrava-me bastante inseguro. Indagava-me sobre a razão de estar iniciando em um curso acadêmico, queria saber se valeria apenas eu mesmo me respondia que sim, embora esse sim não apagasse um talvez que ecoava um pouco mais distante. Pensava em minha família que havia ficado em casa e em como eles nunca havia tido a oportunidade que eu estava desfrutando. Lembrei-me de minha querida avó e em como em muitas vezes me falou da vontade que tinha de estudar e que se ainda fosse possível não hesitaria em fazê-lo. Eu estava emocionado.

Lembrei-me da época em que havia começado a estudar na velha escola Ceciliano Gomes, mais precisamente do primeiro dia de aula e fiz comparação com o dia que eu estava vivendo. Embora eu não fosse mais uma criança de seis anos, o sentimento parecia continuar o mesmo, pelo menos em parte. Lembrei-me também de grande parte de minha trajetória escolar, dos elogios recebidos por parte dos professores como também das humilhações sofridas por parte dos colegas de classe. Com resiliência

confortei a mim mesmo, como sempre costumei fazer, ao perceber que apesar de tantos traumas sofridos eu consegui de certa forma me sobressair, daí concluí que embora eu não acredite eu sou mais forte do que pareço ser.

Como era a primeira aula do período, os componentes do Centro Acadêmico vieram dar as boas-vindas aos calouros. Na ocasião, nos explicaram como funcionava a dinâmica do curso, nos falaram acerca de alguns professores e suas peculiaridades e também nos levaram para conhecermos melhor o campus e as repartições mais importantes para o curso. Fomos ao Centro de Humanidades, ao bloco BG e ao centro acadêmico, voltando passamos pela pracinha do bloco BC e retornando ao BZ nos serviram bolo com refrigerante.

O ambiente acadêmico me surpreendeu bastante e eu encontrei muitas pessoas legais e inclusivas. Mas também não desenvolvi muitas amizades, embora me desse bem com todos. Fui aos poucos descobrindo a dinâmica do curso e me adaptando ao ambiente universitário. Não costumava desenvolver grande sociabilidade com quase ninguém e geralmente só falava alguma coisa se primeiro falassem comigo.

Logo nos primeiros dias de aula conheci Marília Emanuela, que rapidamente se tornou uma grande amiga a qual considero como uma irmã. Quando os professores passavam alguma atividade em grupo eu ficava esperando que alguém me incluísse, somente ela fazia isso. Enquanto estive estudando no diurno, quando eu chegava à universidade ela já se encontrava sentada nas escadas do BG ou mesmo no CH. Ali costumávamos conversar bastante, se lamentar da vida e trocar palavras de apoio e não poucas vezes conselhos. Era uma muito agradável companhia.

No segundo ano de curso Marília começou a trabalhar como professora em uma escola na cidade de Esperança. Como o horário de trabalho dela na escola era durante o dia foi necessário mudar para o noturno na universidade o que significou que eu não mais teria sua companhia nas manhãs da UFCG. Algumas vezes durante a semana nos encontrávamos no campus durante a noite (antes da pandemia da Covid-19), colocávamos os papos em dia muitas vezes jantando cuscuz com frango e macaxeira na lanchonete de neguinho.



Figura 28: Com Marília Emanuela, Lanchonete de Neguinho UFCG, no final de 2019.
Fonte: Arquivo pessoal

A princípio o curso me pareceu estranho, eu pensava que a universidade era parecida com o ensino médio, com o acréscimo que as atividades fossem extremamente difíceis e que os professores fossem verdadeiros carrascos, ainda bem que minhas expectativas a esse respeito não se confirmaram. Em alguns momentos eu cheguei a considerar algumas aulas e atividades simples demais para um curso acadêmico.

Os professores costumavam seguir metodologias parecidas, geralmente passavam textos para que lêssemos em casa para na aula realizarmos as discussões. Alguns professores eram mais críticos e militantes do que outros, uns dois até radicais demais em sua cosmovisão. Eu costumava prestar atenção nas discussões e geralmente não me manifestava acerca dos assuntos abordados, somente se fosse solicitado. Alguns professores instigavam a participação dos alunos nas aulas enquanto outros não faziam questão.

Através das obras lidas eu pude desenvolver uma visão de mundo nova acerca da qual nunca tinha refletido antes. Assim pude observar os fatos históricos em uma perspectiva crítica como também criticizar a realidade atual tendo como ponto de observação as experiências históricas passadas. Lembro-me de uma frase impressa em um adesivo colado no notebook da professora Michelly Cordão onde se lia que “história sem crítica é apagar o passado”, desde a primeira vez que li essa frase a guardei comigo e até hoje não a esqueci.

Com a professora Michelly cursei três disciplinas, História Antiga Ocidental e Oriental e também Historiografia Brasileira. Com relação a esta última guardei grande

aprendizado à medida que discutimos a historiografia de nosso país a partir da fundação do IHGB com sua história ligada ao Império expresso na figura do imperador D. Pedro II. A partir de texto de Lélia Gonzáles desmistificamos o mito da democracia racial nos moldes de escrita de Casa Grande e Senzala de Gilberto Freire.



Figura 29: Turma 2017.1. Fotografia tirada na Última aula de Antiga Ocidental com a professora Michelly Cordão.

Fonte: Arquivo pessoal (2017)

Nas aulas de Introdução ao Estudo da História com o professor Luciano Queiroz tive os primeiros contatos com a Escola Metódica e sua forma positivista de fazer história, também aprendi sobre a Escola dos Annales e pude adentrar no universo de textos marxistas escritos por vários autores além do próprio Karl Marx. Continuei lendo e ouvindo acerca do marxismo através das aulas ministradas pelo professor Luciano Mendonça, nas disciplinas de História da África, História da Paraíba II e História do Brasil III. Eram aulas marcadas por muita militância por parte de Mendonça e de alguns alunos, em certos momentos me aproximei bastante desses ideais, mas acabei não prosseguindo em estudos nessa área.

Não tenho como falar acerca de cada disciplina cursada pelo fato delas serem muitas, discorrerei apenas sobre mais três, quais sejam, História Contemporânea I e III com o professor Severino Cabral, um excelente professor que conseguia me fazer viajar no tempo e através da maneira como as discussões eram guiadas eu imaginava cena por cena daquilo que Cabral estava explicando, como por exemplo em História Contemporânea I, a realidade dos operários nas fabricas na época da revolução industrial, sua rotina de trabalho, suas relações com os amigos, a pressão a que eram submetidos além de sua vida no lar. Em contrapartida a vida dos operários eu também vislumbrava a vida da burguesia, sua relação com a sociedade e com o seio familiar. Os

textos de Thompson, Peter gay e Perry Anderson eram os mais lidos e discutidos. Em contemporânea III já através do formato remoto, o conteúdo foi diminuído já que com menos tempo disponível e com apenas um encontro síncrono por semana não era possível ministrar a disciplina conforme faria se fosse presencial. Estudamos temas mais recentes, como por exemplo, o surgimento do neoliberalismo e a queda da União Soviética, utilizando-se além de textos também documentários.

História Contemporânea II com a professora Silêde Cavalcante também foi muito interessante. Eu gostava bastante das discussões acerca da modernidade, foi nessa disciplina que conheci os textos de Zigmund Bauman, através dos quais pude refletir sobre a liquidez dos laços humanos na contemporaneidade. Os filmes e discussões que abordavam a literatura do trauma e do holocausto também foram muito interessantes. Em uma das aulas Silêde trouxe um estudioso do holocausto o qual nos presenteou com uma aula muito rica em detalhes acerca deste triste quadro da história da humanidade. As discussões versantes a Segunda Guerra Mundial chamaram muito minha atenção, pois este é um tema pelo qual me interessa muito e as outras disciplinas do curso não haviam até o momento contemplado este assunto.

Histórias minhas histórias: dias de lutas, quase sem glórias

Durante todo o tempo em que cursei História na UFCG enfrentei muitas dificuldades no tocante a questões financeiras, não tinha como tirar todas as xerox que eram necessárias por falta de dinheiro, e também não comprava lanche, por muitas vezes contei moedas, que na maioria dessas vezes foram insuficientes para tirar as cópias dos textos ou comprar algo de comer.

Com a finalidade de conseguir economizar algumas moedas as quais eu pudesse usar para tirar as xerox para ler, eu costumava trazer na bolsa algumas bolachas cream cracker as quais eu comia na universidade acompanhadas de uns goles de água que eu também trazia de casa. Algumas vezes na semana quando o orçamento permitia eu costumava parar em uma padaria que fica localizada na entrada da cidade de Cubati, e comprar dois reais de bolo de laranja ou três pães doces com coco para trazê-los para meu lanche na UFCG.

Para suprir a falta de textos eu prestava bastante atenção às aulas e fazia o máximo de anotações possíveis, também costumava colocar o celular para gravar as

aulas para que quando eu chegasse em casa pudesse ouvir novamente o áudio gravado e assim compreender mais acerca do conteúdo e preparar-me melhor para as atividades avaliativas.

Nesses anos estudando em Campina Grande, as dificuldades não se restringiram apenas ao âmbito financeiro. Enfrentei muitos problemas relacionados a transporte, primeiro porque a moto com a qual eu dirigia-me diariamente até a cidade apresentava muitos defeitos e quebrava com admirável frequência, assim, além de ter que gastar muito com gasolina ainda era necessário contrair muitas dívidas nas oficinas mecânicas.

Como eu moro distante da cidade as aventuras na época das chuvas eram muito grandes. Eu torcia muito para que na hora de sair de casa pela manhã não estivesse chovendo, mas infelizmente minha torcida não era suficiente, principalmente nos meses de Junho e Julho onde costuma chover fraco e continuamente várias vezes durante o dia.

Quando eu acordava ainda de madrugada e não escutava barulho de gotas de chuvas caindo no telhado e nem goteiras fazendo barulho nas bicas de zinco nas laterais da casa eu agradecia a Deus. Mas, quando abria a porta para sair, muitas vezes estava tudo branco, tomado por uma névoa espessa que impedia até a visibilidade. A única alternativa era enfrentar o frio e iniciar mais uma jornada. Ligava a moto e saía, à medida que avançava pela estrada a névoa ia me umedecendo, com o rosto molhado e escorrendo água, e à medida que avançava pela estrada molhava também a blusa e as pernas da calça na parte da frente. Quando estava chovendo mais forte era muito pior, eu levava a roupa em uma sacola dentro da bolsa e trocava quando chegava à garagem, muito apressadamente, caso contrário correria o risco de perder o ônibus.

A lama em algumas partes da estrada era muito grande, muitas vezes quase que eu me acidentava no barro escorregadio, por duas vezes a corrente da moto saltou do lugar, além de não conseguir ir para a universidade ainda fiquei no meio da estrada, sem ter o que fazer, pois a corrente enguiçou no pneu e este ficou travado sem possibilidade nem de empurrar a moto. Liguei para meu pai, e ele veio ao meu encontro trazendo umas chaves e tirou o pneu e nisso já eram quase seis horas da manhã.

Esse episódio ocorreu em junho de 2017, um período muito difícil que enfrentei. Eu havia iniciado meus estudos no Curso de História da UFCG há aproximadamente dois meses e como eu não me alimentava bem, acabei ficando muito fraco e com a imunidade muito baixa o que me fez contrair uma gripe muito forte que me deixou de cama. Como eu já tinha algumas faltas fiquei com muito medo de ser reprovado nas

disciplinas e acabei tentando vir para a universidade. Era época de chuvas, frio e neblina me fizeram muito mal e a gripe que havia diminuído piorou muito e eu fui para o hospital gravemente enfermo.

Fiz a consulta e o médico me internou para tomar soro, eu estava tossindo muito e a cada tossida eu sentia gosto de sangue, era início de uma pneumonia. Peguei atestado e fui para casa após ser liberado do hospital. Quando os dias do atestado acabaram eu estava melhor e fui pra UFCG, e na volta para casa uns carros passaram por mim e como nesse dia a terra estava seca acabei respirando poeira e novamente piorei. Desta vez a tosse ficou mais intensa, chegava a faltar o fôlego e estar faltando na universidade me deixava agoniado. Fui outras vezes para o hospital com a finalidade de conseguir atestados para justificar as faltas. Aos poucos e muito demoradamente fui me recuperando, consegui não reprovar nas disciplinas e por fim as coisas não acabaram tão mal.

Eu saía de minha residência por volta das 05h00 da manhã, chegava à cidade de Cubati por volta das 05h20min, dirigia-me ao ponto para esperar o ônibus que saía da cidade por volta de 05h30 e chegava a UFCG por volta das 07h20 da manhã. Ficava esperando chegarem às 08h00 horas, horário em que iniciavam as aulas. Enquanto esperava ficava mexendo no celular, assistindo vídeos no You tube ou mesmo acessando alguma rede social, ou lendo algum texto de alguma disciplina.

As aulas terminavam por volta do meio dia, então, eu dirigia-me para o portão central da Universidade para esperar o ônibus pra voltar pra casa. Chegava de volta em Cubati por volta das 14h00min, e em casa aproximadamente às 14h30min, se não ocorresse algum imprevisto com o transporte. Muitas vezes foi necessário ficar esperando carona tanto para ir pra Universidade como para voltar pra casa. Várias vezes duas e até três caronas tanto na ida como na volta.

Esses horários eram alterados quando eu tinha que assistir aulas de disciplinas no período da tarde ou da noite. Era necessário ficar o dia inteiro na universidade e somente retornar no ônibus com os alunos da noite, o qual passava de volta na UFCG por volta das 22h00min horas e chegava a Cubati aproximadamente as 23h45min da noite. Como era necessário retornar de moto para casa, eu chegava por volta das 00h10 minutos, tendo de repetir essa rotina logo cedo novamente.

Mesmo com horários apertados e muita correria, além do estresse e cansaço advindos da rotina corrida eu não faltava às aulas, apenas se fosse necessário. Participei

do projeto de monitoria no período 2019.1, fui monitor da disciplina História Antiga Ocidental, ministrada pela professora Marinalva Villar. Também fui aprovado na seleção de monitoria para a disciplina História Contemporânea I, no semestre 2020.1, mas com a pandemia e a suspensão das aulas não desenvolvi a monitoria para a qual havia sido selecionado.

Experiências vivenciadas no Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto História UFCG 2018-2019

Minha maior preocupação desde que adentrei no curso de história da UFCG, antes mesmo de começar a assistir as aulas, era sobre como iria conseguir me manter financeiramente, visto que além de estar desempregado, minha família não tinha condições de me ajudar a arcar com os gastos necessários. Então, tive necessidade de vender algumas galinhas que eu criava. Ao todo consegui o valor de cem reais, o que não demorou muito para acabar-se. Meu avô também me auxiliava como podia. As cédulas que ele me dava eu utilizava para colocar gasolina na moto. Diante desse cenário, eu tinha certeza que se eu não conseguisse alguma bolsa que algum programa acadêmico oferecesse, eu não conseguiria continuar no curso.

Conversando com colegas mais experientes no meio acadêmico, fiquei sabendo que a universidade oferecia auxílio permanência como o PAEG (Programa de Apoio ao Estudante de Graduação), porém muito concorrido, sendo poucas vagas para muitos estudantes necessitados. Ademais, fui informado que o Curso de História oferecia alguns programas com bolsa disponível, como por exemplo, o PET História (Programa de Educação Tutorial), programa de bolsas de extensão (PROBEX) e o PIBID (Programas de Bolsas de Iniciação à Docência) etc.

Pensei em concorrer uma vaga no PET, mas acabei desistindo, pois observei que as maiorias dos inscritos eram pessoas melhores capacitadas do que eu, e como eu sou temeroso em concorrer vagas com pessoas melhor preparadas acabei desistindo de participar da seleção. Quando o edital do PIBID para seleção de bolsistas foi lançado, eu resolvi me inscrever, participei da seleção e acabei sendo classificado e aprovado dentro do número de bolsas disponíveis.

Eu estaria mentindo se dissesse que a bolsa oferecida pelo PIBID me atraiu menos do que a participação no projeto em si. Primeiramente, para um estudante pobre que não tem condições de se manter na universidade, uma bolsa de 400 reais representa muita coisa. É a oportunidade de poder comprar algum alimento, um pastel, uma coxinha ou mesmo almoçar algo minimamente decente alguma vez durante a semana, além de necessitar do dinheiro para tirar as cópias dos textos necessários nas disciplinas.

Observando a dinâmica do curso e o fluxograma de disciplinas, percebi que grande parte delas eram voltadas para a teoria, e como eu estava em um curso de licenciatura me questionei como eu iria aprender na prática temáticas relacionadas com o ensino em sala de aula se o curso oferecia apenas a prática de ensino já no final da graduação, dentro do estágio obrigatório. Assim, o PIBID me possibilitaria ter um conhecimento prático experienciado em sala de aula ainda durante a graduação.

O PIBID é um programa de formação inicial de professores que busca possibilitar que estudantes de cursos de licenciatura (graduandos) possam experienciar os primeiros contatos e através destas vivências, adquirir as primeiras experiências docentes em sala de aula na condição de professor em formação. Para além de introduzir os graduandos selecionados em sala de aula, o programa busca melhorar a qualidade da formação dos professores nos cursos de licenciatura, possibilitando que o Pibidiano possa participar do cotidiano da escola em que esteja desenvolvendo atividades, adentrando para além da teoria na prática de ensino e de pesquisa. O ingresso no projeto ocorre através de processo seletivo onde são definidos os bolsistas e os voluntários através da ordem classificatória e da soma dos pontos obtidos através dos requisitos dispostos no edital.

Durante minha participação no PIBID estive atuando entre 2018 e 2019 na Escola Cidadã Integral Assis Chateaubriand, localizada no bairro Santo Antônio, em Campina Grande. A maioria dos estudantes da referida escola eram oriundos de famílias pobres e em situação de vulnerabilidade social. Fui supervisionado pelo Professor Rodolfo Martins e coordenado pela professora doutora Silêde Cavalcanti.



Figura 30: Escola Cidadã Integral Assis Chateaubriand

Fonte: Arquivo pessoal, (2019).

No decorrer do projeto, começando desde o seu início foram realizadas oficinas, denominadas formativas. Essas oficinas foram um item muito importante durante o desenvolver do projeto, pois, foi possível ocorrer muitas discussões interessantes e bastante ricas concernentes a questões ligadas ao ensino, à pesquisa ou do ensino enquanto pesquisa. Até então eu não havia tido a oportunidade de refletir acerca dessas problemáticas, embora estivesse em um curso de graduação, as disciplinas não eram voltadas para essas temáticas essencialmente fundamentais para um curso de formação de professores. Assim, pude perceber que

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 1996, p.15).

As oficinas eram realizadas após as reuniões de planejamento, as sextas-feiras partir das 16h00min geralmente em parceria com a Residência Pedagógica, que tinha como coordenadora a professora Regina Nascimento. Dentre as oficinas formativas, destaco duas que particularmente chamaram muito minha atenção. Primeiramente, a que foi realizada no dia 31 de Agosto de 2018, na sala 15 do hall das placas, tendo como palestrante o renomado professor doutor Iranilson Buriti de Oliveira, sob o tema “Cartografia escolar em disputa: a BNCC e o ensino de História” e a segunda oficina que escolho, contou com a presença e palestra de Michelly Cordão, no dia 30 de Novembro de 2018, centrado no tema “os desafios do ensino de História na contemporaneidade”.

Foram duas palestras muito ricas em conteúdo, principalmente pelo auto nível de experiências dos palestrantes acerca do assunto tratado, como também, pelo fato de serem professores com os quais eu tinha afinidade, assim, ouvi-los palestrar para além de interessante era prazeroso e gratificante.



Figura 31 e 32: Visita a Escola Assis Chateaubriand

Fonte: Arquivo pessoal, (2018).

As duas fotos acima foram tiradas na oportunidade em que nos, Pibidianos do Assis Chateaubriand visitamos a escola pela primeira vez. Essa visita durou aproximadamente três horas e ocorreu de maneira leve e descontraída, principalmente por causa da diretora (na foto acima a senhora de calça preta com o celular na mão) muito receptiva e extremamente gentil, nos mostrou com muito entusiasmo praticamente toda a escola e nos apresentou desde os professores até os servidores da limpeza. Ela falava muito bem das pessoas que trabalhavam com ela e também da própria escola.

Os servidores que trabalhavam no Assis Chateaubriand nessa época eram em sua extrema maioria pessoas muito receptivas, gentis e legais, eles conseguiam me fazer sentir-me acolhido de maneira que eu conseguia me sentir razoavelmente a vontade no espaço escolar, inclusive na sala dos professores. Só não me sentia mais confortável por causa da timidez que me atrapalhava bastante.

O professor Rodolfo, meu supervisor, era um profissional bastante competente e muito atuante nas atividades escolares, ele estava geralmente à frente dos encontros realizadas na escola a exemplo de palestras, reuniões etc. Sua atuação em sala de aula era marcada por aulas críticas e que possibilitava reflexão, ele incentivava o questionamento, a dúvida, a pergunta. Ele é um professor extremamente capacitado, muito inteligente.

Nossa comunicação ocorreu sempre de maneira tranquila, nos falávamos principalmente através da plataforma de mensagem WhatsApp. Por esse app mensageiro eu tirava dúvidas e combinava detalhes acerca das aulas, solicitava suporte acerca de maneiras através das quais eu poderia melhorar meu desempenho dentro do projeto etc. Era também por lá que o professor tecia elogios e também críticas construtivas que eu considero como aconselhamentos. O professor Rodolfo era bastante compreensivo, com ele eu aprendi muita coisa, tanto na sala de aula como fora dela, como por exemplo, mediante suas intervenções nas reuniões de planejamento realizadas na escola Assis Chateaubriand, como também, nas discussões extraescolares realizadas na UFCG no percurso das reuniões.

No dia 02 de maio de 2019 a partir das três horas da tarde ocorreu na escola Assis Chateaubriand uma oportunidade muito rica onde juntamente com Auriane Cabral e Raí Dantas, contando com a supervisão de Rodolfo Martins, participei de uma roda de conversa com o Ensino médio, na ocasião nós discorremos voltados à temática “519 anos: Eu não fui convidado para esta festa” onde aludíamos à comemoração do dia do índio. Foi um momento onde foi possível desmistificar e quebrar estereótipos acerca da figura que grande parte das pessoas guardam e reproduzem sobre os indígenas, também aproveitamos a oportunidade para criticamos as posições tomada pelo Governo Federal na pessoa do Presidente Jair Bolsonaro referentes a esta candente questão.



Figura 33 e 34: Roda de conversa com o ensino médio na Escola Assis Chateaubriand e intercâmbio pedagógico na UFCG

Fonte: Arquivo pessoal, (2019).

Outro ponto bastante positivo foi à realização do intercâmbio pedagógico entre universidade e escola pública, realizado no auditório do centro de humanidades, com a proposta de possibilitar os estudantes das escolas Irmão Damião da cidade de Lagoa

seca e do Assis Chateaubriand em Campina Grande, terem contato com o ambiente universitário com a finalidade de despertar nesses alunos o interesse de ingressarem no ensino superior. Na oportunidade também foram realizadas apresentações desenvolvidas pelos próprios estudantes, juntamente com os Pibidianos e supervisores, muito ricas em conteúdo e importante em suas temáticas.

Durante a época em que participei do Pibid, estive acompanhando a turma do 8º ano b, e desde o primeiro dia de aula busquei desenvolver contato com os alunos, embora um pouco barrado pela timidez, com o passar das aulas, cheguei a conversar amigavelmente com alguns deles. No início foi um pouco difícil, pois, os estudantes não possibilitaram muita comunicação e ainda ficavam rindo e cochichando entre si, de maneira a me deixar envergonhado, pois eu acreditava que eles estavam rindo de mim.

Quando desenvolvi um pouco mais de intimidade com eles, percebi que os mesmos tinham grande parte muita necessidade de serem ouvidos, de terem nos professores pessoas disponíveis a escuta-los e até aconselha-los quando necessário. Então percebo que é preciso o professor se colocar ao lado dos alunos, estando assim disponível para ouvi-los quando vierem a precisar, entendendo, sobretudo que cada aluno é único em suas particularidades e não é viável trata-los como se todos fossem iguais, como no caso do ensino tradicional. Os alunos são diferentes e essas diferenças devem ser abraçadas tanto pelo professor como principalmente pela escola, assim, torna-se também necessário compreendermos

O dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares chegam a ela. Saberes socialmente construídos na prática comunitária- mas também, [...] discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação ao ensino dos conteúdos. (FREIRE, 1996, p.16).

Compreendo que o professor não tem condições de estar disponível a todos os alunos, sempre que eles precisarem, pois, além de geralmente lecionar em várias turmas, cada uma delas com suas especificações, o professor ainda tem sua própria vida e seus próprios problemas, mas creio que parar um pouco para ouvir um aluno necessitado em alguma ordem é perfeitamente possível. Muitas vezes tudo que precisamos é de alguém que simplesmente nos escute por um momento.

Em certa ocasião em que comecei a conversar com um aluno, rapidamente ele me confidenciou que sofria com depressão e que por muitas vezes já havia cortado a si mesmo, me mostrou inclusive as cicatrizes nos braços. Contou-me que as crises fortes já

havia passado e até aquele momento não tinham retornado com muita intensidade, entretanto a ansiedade estava muito alta o que o deixava com muita dor de cabeça, além dos problemas que sofria na visão e a falta de condições de comprar uns óculos. Eu entendia perfeitamente o que ele sentia, e o aconselhei que quando essas crises ocorressem não adiantava se cortar, sendo melhor buscar alguém para conversar ou então realizar alguma atividade que distraísse um pouco a mente, embora essas coisas sejam paliativas, ajudam a esfriar um pouco a cabeça.

Prosseguindo na conversa esse mesmo aluno retirou de dentro da mochila um caderno onde ele escrevia letras de rap e também poesias, segundo o qual o distraiam um pouco e o encaminhavam mais para perto de conseguir tornar-se compositor e cantor do mesmo estilo musical.

Também havia uma estudante na turma que sofria muito com depressão e ansiedade, de tal forma que durante uma das aulas ela saiu da classe e foi se mutilar, cortando se com a lâmina de um estilete. Ela sempre se encontrava afastada dos outros colegas, colocava a cadeira e a banca onde estudava em um recanto da sala afastada dos demais alunos e na maioria dos momentos não conversava com ninguém.

Eu busquei me aproximar um pouco, falei com ela umas duas vezes e ela se quer respondeu, estava em crise e havia se molhado quase que completamente no bebedouro da escola. Para mim foi uma situação muito angustiante e aterradora, principalmente pelo fato de não ter como ajudá-la. Perguntei a Rodolfo se ela já tinha sido levada até a psicóloga da escola, ele me confirmou que sim, mas não havia adiantado muito, pois, a profissional era cristã e simplesmente afirmou que o que a garota tinha era falta de Deus. Inclusive ele me relatou que já haviam ocorridos outros eventos piores acerca desta aluna e que a família dela passava por problemas muito sérios e de difícil resolução.

PIBID como experiência transformadora da formação docente: Docência compartilhada em sala de aula

Para mim a docência compartilhada proporcionada pelo PIBID foi algo marcante e de sumária importância em minhas experiências formativas iniciais. Primeiramente porque eu sou bastante tímido e sempre tive muito receio de como iria me comportar na primeira vez que estivesse em frente a uma turma em sala de aula na condição de

professor. Eu sempre acreditei que tudo iria sair errado e que seria uma grande tragédia. Na verdade, não foi. Eu ministrei a primeira aula no PIBID sobre a temática “Primeiro Reinado”, juntamente com um amigo meu que estava participando do projeto na condição de Pibidiano voluntário, chamado Kaio Samuel.

No dia da aula, uma quarta-feira, as coisas saíram um pouco do controle, o ônibus que eu iria até ao Assis Chateaubriand acabou passando mais cedo, quando cheguei ao ponto em frente à UFCG, já era tarde demais. Tive de esperar por muito tempo até o próximo horário em que o ônibus 303 passaria novamente. Quando cheguei à escola Kaio já estava ministrando sua parte da aula, já perto de concluir sua participação. Então, quando ele acabou eu prossegui com a apresentação do assunto, e aos poucos fui me acalmando e conseguindo seguir com razoável facilidade, o que mais me atrapalhava era a falta de uns óculos, que me impossibilitava de enxergar direito os slides.

Outro episódio vivido e experienciado em sala de aula no tocante a prática docente ocorreu no mês de dezembro de 2019, foi à última aula que ministrei no PIBID, e versou sobre o tema “A Proclamação da República”. Na oportunidade busquei discutir com os alunos acerca da construção de Tiradentes enquanto um herói nacional, representado em pinturas com um ar divino, podendo ser associado com a imagem do próprio Jesus Cristo. Essa aula foi muito especial e nos preparamos pensando em oferecer algo diferente aos alunos, já que seria a última soava também como uma despedida e talvez como agradecimento.

Nessa oportunidade, acabamos ministrando aulas além da turma do 8º ano b para o 8º ano c, já que o conteúdo era o mesmo nas duas turmas. Foi muito rico e interessante, desta vez, diferentemente da primeira aula ministrada no início de 2019 eu estava um pouco mais acostumado com a sala de aula e consegui desenvolver melhor a explicação e problematização do conteúdo juntamente com Kaio e a turma de maneira mais desenvolvida.

Kaio e eu pensamos em realizar um jogo de perguntas e respostas nos moldes de um passa ou repassa, com torta na cara, com questões acerca do conteúdo acima citado e que houvera sido alvo de discussão na aula. Tal atividade se concretizou na última aula da manhã, dividimos a turma em dois grupos, meninos de um lado e meninas do outro. Compramos pratos de papel e spray para produzir as tortas. As meninas acabaram

vencendo com ampla vantagem e receberam certa quantidade de pontuação a ser atribuído pelo professor Rodolfo nas notas do quarto bimestre. Também compramos um pacote de pirulitos, o qual distribuímos aos alunos logo após termos concluído o quiz de perguntas e respostas. Foi possível perceber que eles gostaram das atividades realizadas naquela oportunidade.



Figura 35: Kaio Samuel e alunos do 8º ano c durante o quiz (Passa ou repassa)

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Foi um dia muito proveitoso, tanto para nós quanto para eles. No nosso caso, desenvolvemos um contato mais de perto com os alunos e conduzimos uma aula mais leve e tranquila. Os alunos por sua vez, foram bem mais participativos e vivenciaram um momento de descontração, de participação em uma atividade lúdica, algo que não é muito realizado nas salas de aula.

Atividades como essa vão na contramão das metodologias tradicionais e possibilitam que os alunos agradeam-se mais das aulas, pois representa uma quebra no engessamento cotidiano no qual eles encontram-se inseridos no ambiente escolar. Com isso é possível que os alunos se interessem mais pelas aulas e tenham mais vontade de estar na escola estudando e conciliando nos estudos atividades que a exemplo da que fora citada anteriormente possibilita o desenvolver de diversas áreas da vida escolar dos alunos, exercitando o raciocínio lógico e desenvolvendo ou ativando capacidades, habilidades ou competências do alunado.



Figura 36: Turma do 8º ano b, do Assis Chateaubriand, 2019.

Fonte: Arquivo pessoal, (2019).

A fotografia acima foi tirada pelo professor Rodolfo ao final da aula na qual realizamos a atividade com a turma. Observemos que a maioria está rindo, aparentando estarem tranquilos, contentes etc. Eles realmente ficaram muito interessados com a atividade e se divertiram bastante no momento do desenvolvimento do jogo. Depois dessa foto, nós distribuímos os pirulitos que havíamos comprado, foram dois para cada aluno e eles ficaram bem mais animados. Notemos quão simples foi essa atividade e como eles gostaram, e ademais nos agradeceram por simplesmente ganharem um pirulito. São pequenas ações, que embora pareçam insignificantes, podem e têm valor afetivo, além disso, gera um obrigado e possivelmente uma maior proximidade entre alunos e professores. Inclusive nesta aula, foi a oportunidade em que mais me aproximei e dialoguei com a turma.

Durante as aulas nos movemos pedagogicamente com vistas a possibilitar que os alunos desenvolvessem autonomia de pensamento na abordagem dos assuntos, em uma tentativa de fazer com que eles compreendessem que são sujeitos ativos na construção do conhecimento e no processo de ensino-aprendizagem. Sendo eles próprios construtores nesse processo, e não somente “deposito” de informações dadas de forma pronta e de maneira acrítica. Nesse sentido, de acordo com Freire

Não há docência sem deiscência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de sujeito um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 1996, p.12).

Para elaboração dos planos de aula, Kaio e eu nos comunicávamos através da plataforma de mensagens WhatsApp e também conversávamos sobre quando nos encontrávamos no campus da UFCG durante a semana. Como eu não tinha notebook,

achávamos melhor dividir da seguinte maneira: eu ficava responsável por elaborar os planos de aula e Kaio criava as apresentações de slides no Power point. Para tal, utilizávamos, além do livro didático, artigos retirados de sites da internet e também assistíamos aulas versantes aos assuntos correspondentes disponíveis na plataforma de vídeos denominada You Tube.

Durante as aulas, incentivamos a participação dos alunos. No início incentivávamos a falarem acerca do que já conheciam com relação à temática proposta, posteriormente a isso, começávamos a explanação, sempre abertos a tirar dúvidas e a seguir com a aula em tons de uma conversa. Buscamos levar em consideração que “Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa, e foi aprendendo socialmente que historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar” (Freire 1996, p.12). Nessa perspectiva, estávamos direta ou indiretamente, compreendendo e fazendo-os compreender que

O formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convence definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção. (FREIRE, 1996, p.12).

Ao professor torna-se necessário avaliar e refletir acerca de sua prática docente em sala de aula, com vistas a buscar melhorar no ensino e cada vez mais estar próximo dos alunos e de suas necessidades no campo educacional. Refletindo acerca de nossa metodologia de ensino, podemos observar as falhas e assim corrigi-las. Quando analiso minha prática docente realizada no Pibid, durante a docência compartilhada, percebo que tenho muito que melhorar, adaptar e desenvolver maneiras de possibilitar aos meus futuros alunos aulas em que eles possam desenvolver o senso crítico, o pensamento autônomo e independente. Preciso vencer a timidez e o complexo de inferioridade, para ser um professor que auxilia seus alunos na construção em conjunto do conhecimento. De acordo com Freire, a reflexão crítica sobre a prática é importante e indispensável e “Se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blá, blá, blá e a prática ativismo” (FREIRE, 1996, p.11).

Viagem a UFCG campus Cajazeiras

No final de 2019 ocorreu uma viagem de campo até a cidade de Cajazeiras-PB, onde no campus da UFCG daquela cidade iríamos participar do VII encontro do Pibid e I encontro da Residência Pedagógica, oportunidade na qual apresentamos alguns

projetos. Coube a mim juntamente com Livia Crispim, apresentar acerca do intercâmbio pedagógico realizado na UFCG campus Campina Grande, foi uma apresentação muito boa de nossa parte, fomos bastante elogiados e principalmente a ideia do intercâmbio pedagógico mencionado anteriormente foi muito aceita pelo público ouvinte naquela ocasião.



Figura 37: Apresentando trabalho acerca do intercambio Pedagógico, na UFCG campus Cajazeiras.
Fonte: Arquivo pessoal, (2019).

Faz-se necessário salientar, que durante o decorrer do projeto Pibid, na época de minha participação, ocorreram inúmeros contratemplos que me impediram de ter uma participação mais eficaz e efetiva dentro do programa. Grande parte destes problemas ocorreu em âmbito pessoal, graves problemas de saúde, que de tão sérios chegaram a ser incapacitantes. Somam-se a isso, questões financeiras, como por exemplo, a demora no pagamento das bolsas por parte da CAPES referentes aos meses de Agosto a Novembro de 2018, as quais só foram pagas no mês de Dezembro do mesmo ano. Com esse cenário ficou muito complicado desenvolver as atividades, pois sem bolsa, doente e sem recursos próprios não havia condições de frequentar a escola nesse primeiro momento.



Figura38: Último encontro do Pibid, dezembro de 2019²⁷.

Fonte: Arquivo pessoal, (2019).

Por conseguinte, também fui muito prejudicado por questões internas da própria escola Assis Chateaubriand. Durante o ano ocorreram três trocas de diretores, o que provocou muitas mudanças no horário escolar. Inicialmente o dia em que eu acompanhava as aulas na escola era na quarta-feira à tarde, com essas mudanças no horário das aulas, acabei tendo de acompanhar as aulas na sexta-feira à tarde, o que acabou sendo um grande problema, visto que, justamente nas sextas ocorriam os eventos e reuniões do Pibid na universidade, assim durante o tempo que o horário escolar permaneceu desta forma, quase toda sexta-feira fiquei impossibilitado de ir até a escola por causa do choque nos horários.

Quando ocorreu a segunda troca na direção escolar, o horário das aulas foi mudado novamente. Desta feita, durante várias semanas a escola permaneceu sem diretor, o que possibilitou que os professores juntamente com a coordenadora pedagógica tomassem as decisões. Decidiu-se que o tempo de duração de cada aula seria reduzido de 50 para 30 minutos e que as mesmas seriam todas transferidas para o turno da manhã. Com isso, foram gerados novos choques de horário, pois as minhas aulas na universidade ocorriam justamente no período matutino, por isso, para acompanhar a turma na escola eu tinha obrigatoriamente que faltar a aula na universidade e vice versa. Embora fosse muito difícil manter essa rotina, era necessário.

Durante a participação no PIBID eu pude participar e experienciar oportunidades onde aprendi bastante acerca de questões relacionadas ao ensino enquanto pesquisa, tive contato com os textos do professor Paulo Freire, participei de oficinas e palestras que me possibilitaram enxergar a educação através de uma ótica nova, principalmente mediante os ensinamentos compartilhados coletivamente nas reuniões, as experiências debatidas enriqueceram muita minha formação. Embora eu não costume falar muito, filtro e guardo o que escuto e através dos ensinamentos passados pelas professoras Silêde e Regina eu pude compreender como o professor deve auxiliar seus alunos na construção do conhecimento, de maneira crítica e autônoma, através da dúvida, do questionamento, da pergunta, da investigação, da pesquisa.

²⁷ A foto acima foi tirada no último encontro do pibid que tivemos na UFCG, em dezembro de 2019. Na oportunidade cada pibidiano pode se expressar frente aos demais, agradecer, se auto avaliar etc. Foi uma tarde muito agradável, descontraída em diversos momentos, com um tom de saudade e de despedida. Ao final foi o momento de confraternizarmos com um verdadeiro banquete.

Percebo que a universidade foi para mim um espaço onde eu pude ressignificar-me em vários sentidos. Mudei em diversos aspectos enquanto ser humano e ganhei mais sensibilidade no tocante à percepção de mundo. Passei a valorizar muito mais a educação e perceber o privilégio que tive ao poder cursar uma licenciatura em uma universidade pública, onde muitos desejam estar, mas nem sempre conseguem. As experiências que tive desde a época em que cursei o fundamental I e II, o ensino médio e História na UFCG, delimitam meu olhar acerca do importante papel da educação na sociedade.

Como venho de uma família de agricultores, ou seja, pessoas muito ligadas ao trabalho de subsistência, a frase “estudo de pobre não serve pra nada” foi uma constante que ouvi desde a mais tenra idade. Sou a primeira pessoa em minha família que conseguiu adentrar como aluno em um curso superior em uma universidade pública. Mais não foi nada fácil, ouvi muitas palavras desestimulantes, de pessoas que não tem a devida noção do valor da educação. Apesar dos conselhos e das críticas negativas porque eu gostava de estudar, não desisti dos meus sonhos, e esses sonhos mantidos com persistência me trouxeram até a universidade, e estão me possibilitando escrever esse trabalho de conclusão de curso.

Dessa forma as experiências vividas no contexto educacional em termos de ensino e também de história de vida desde a época que adentrei ao ensino fundamental I, passando pelo fundamental II, pelo médio e pelo ensino superior, me possibilitaram perceber e refletir acerca do valor e principalmente da forma como a educação deve ser aprendida ou construída. Sendo necessário deixar de lado os rudimentos tradicionais da narrativa como fonte de aprendizado e da autoridade como forma de controle e mergulharmos em um ensino onde “o educador já não é o que apenas educa, mas o que enquanto educa é educado.” (FREIRE, 2005, p. 79).

Nesse modelo os alunos aprendem com o professor e o professor aprende com os alunos em um movimento onde deve prevalecer o respeito e a compreensão, onde embasado no que coloca (FREIRE, 2005, p.79) ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem.

Aprendi sobre isso principalmente na época em que estive participando do Pibid, por isso eu considero esse programa de fundamental importância no processo de formação docente. O Pibid possibilita que durante a graduação possamos estar inseridos em uma escola pública, nosso possível futuro ambiente de trabalho após a conclusão do

curso, desta maneira construindo conhecimentos e aprendizados durante o projeto podemos ser e com certeza sermos melhores professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao final da escrita deste texto e observando as experiências que vivi ao longo da trajetória de minha vida, acerca das quais apenas uma pequena parte foi escrita neste relato, percebo as maneiras através das quais eu me construí e reconstruí e também como continuo neste constante processo de construção e reconstrução ainda nos dias que correm. Não é nada fácil encontrar as palavras e frases certas para resumir tudo que desejava escrever, mas irei tentar ser o mais sucinto possível.

Para que pudesse escrever as vivências e experiências que vivi durante minha infância no seio de minha família não foi uma tarefa fácil. Principalmente porque eu me lembrei e refleti acerca de muitas coisas e de muitas questões que com certeza eu gostaria que tivessem ocorrido de maneira diferente. Refletindo acerca desse período de minha vida, ficaram visíveis as privações que sofríamos as dificuldades que enfrentávamos e o descaso ao qual éramos vítimas por parte do poder público.

Entretanto, mesmo com todas essas e outras dificuldades e problemas que sequer foram escritas nesse relato, analisando minhas lembranças e experiências acerca dessa época surge em meu interior um sentimento muito forte de saudosismo, de saudade, talvez um pensamento ingênuo, com vontade de reviver aquelas cenas, de viver novamente naqueles moldes, embora fosse uma época muito difícil existia entre nosso grupo familiar um sentimento muito forte de ligação e proximidade que com o passar do tempo fora perdido em grande parte.

Naquela época eu observava o mundo com os meus olhos de criança, com ingenuidade e com pureza, não enxergava a maldade que existia no mundo, para mim as coisas eram daquela maneira porque era assim mesmo que deviam ser. Eu nem me importava com nada, não tinha mesmo o que fazer, o que eu mais precisava para viver bem eu tinha comigo que eram meus familiares. Embora insultado por muitas vezes durante minha infância por minha própria família, minha mente de criança parecia não acreditar ou não dava a devida importância às palavras que escutava, pensava que talvez elas não fossem verdade.

Com o passar do tempo, as coisas foram mudando, comecei a estudar na velha escola municipal Ceciliano Gomes. Na escola continuei ouvindo muitas palavras degenerativas distribuídas gratuitamente e sem motivo com relação a minha pessoa, eu não entendia e ainda hoje não entendo porque tanta hostilidade das pessoas para

comigo. Essas palavras foram ficando encrustadas dentro de minha mente e eu acreditei nelas, tanto acreditei que hoje elas continuam fazendo tanto efeito em minha vida que me destroem diariamente, um pouco de cada vez, um dia mais forte outro dia menos, uns dias escuto essas palavras em alto e bom som, em outros essas vozes parecem mais distantes, mas, mesmo assim ainda machucam.

Estive inserido no meio tradicional de educação desde que iniciei os estudos no ano de 2003 até a conclusão do ensino médio em 2015. Durante a época em que estudei no Ceciliano Gomes, presenciei e estudei dentro dos moldes de um ensino chamado de “bancário” pelo sábio educador Paulo Freire. Retirando as humilhações e maltratos sofridos no Ceciliano Gomes, considero aquela época, aqueles cinco anos em que estudei na respectiva instituição como uma época boa de minha vida, eu ainda era uma criança, as coisas embora fossem ainda tristes e dramáticas a esperança dos sonhos de um jovem menino pareciam retirar as sombras e faziam-me enxergar uma luz, antes mesmo do fim do túnel.

Naquela época eu tinha a professora Lúcia como uma amiga minha, ela sempre me elogiava porque de acordo com os moldes do ensino tradicional eu era um bom aluno, ela também me considerava como inteligente. Eu tinha a televisão que me distraía, assistia desenhos, novelas e observava que as pessoas boas sempre tinham um final feliz nesses programas de televisão. Eu então acreditava que no fim as coisas dariam certo para mim, embora eu tenha descoberto mais tarde que a vida real é bem diferente da ficção e que nem sempre as pessoas boas têm o tão esperado final feliz.

Seguindo os acontecimentos, prossegui estudando e presenciando os moldes do ensino bancário quando estudei no Colégio Padre Simão Fileto e na Escola Iolanda Tereza Chaves de Lima, como também em muitas disciplinas cursadas em História na UFCG. Foi na UFCG onde em muitos momentos pude ter contato e experienciar aulas críticas que me levaram a refletir e observar consciente e criticamente as injustas estruturas de mundo nas quais estive inserido durante toda minha vida. Descobri que as coisas não são assim porque devem ser, mas por causa de questões mais complexas e de um jogo de interesses por parte das classes dominantes com vistas à manutenção e ampliação de seus interesses e privilégios.

Olhando para a realidade de vida que vivi desde quando era criança observo o quanto às injustiças sociais podem tornar sofrida e dificultosa a vida das pessoas.

Também considero que no meio de tantas dificuldades a educação é como uma luz que brilha, sendo lampejos de esperança em meio a vivências difíceis.

Os maiores aprendizados que construí na universidade constam da época que participei do PIBID, através do qual tive ciência dos pormenores do formar-se e do ser educador. Obtive tal conhecimento, principalmente por causa dos ensinamentos de Silêde Cavalcante e Regina Nascimento e também das contribuições dos professores supervisores, para, além disso, tive contato com os excelentes textos de Paulo Freire.

Percebo que as experiências que vivi no âmbito educacional, principalmente na universidade representam grande parte do ser humano que eu sou hoje e para, além disso, do professor que me formei bem como as importantes etapas que possibilitaram essa formação. Considero que tudo que ocorreu em minha vida teve sua importância. Reconheço também a importância das pessoas que já transitaram ao longo dos caminhos de minha existência. No tocante aos professores dos quais já fui aluno, desde a professora Lúcia de Fátima minha primeira mestra até a professora Regina Nascimento que está sendo a última da graduação.

Durante a escrita desse texto eu aprendi muita coisa nova, consegui desenvolver um novo olhar sobre fontes e maneira de se escrever, principalmente que escrever acerca de si mesmo é uma grande aventura, sendo preciso muita sensibilidade, bastante análise e reflexão, sobretudo cuidado com o que se escreve e como se escreve. Foi possível compreender que escrever sobre as próprias experiências é uma tarefa difícil, porém, muito prazerosa, parece que esse tipo de escrita é uma fonte inesgotável, sempre tem algo a mais para narrar, alguma nova informação, uma nova lembrança, algo a acrescentar etc.

Ganhei uma nova visão com relação às fontes históricas, principalmente no que tange as fotografias, nas quais podemos ler semblantes, expressões, contornos, objetos do cenário etc. Pode parecer loucura, mas para mim, as fontes falam, as fotos falam, parece que posso escutá-las, um simples objeto a meu ver fala, muitas vezes grita e isso eu passei a perceber a partir da escrita desse texto.

Este trabalho representa o final de um ciclo de minha vida cheio de muitas lutas, dificuldades e imprevistos. Representa também um importante degrau que subo em minha história, e nesse momento, se tenho uma frase que acredito representar o que sinto certamente é esta “Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé” (II Timóteo 4-7).

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC. 2000.

ARTHIERES, Philippe. **Arquivar a Própria Vida. Escrita de si/Escrita da História**. Revista Estudos Históricos, 1998.

BONDÍA, Jorge Larossa, **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. In: Revista Brasileira da Educação, Nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A Operação Historiográfica**. In: a Escrita da História. Tradução de: Maria de Lourdes Menezes. Revisão técnica: Arno Vogel. 2:edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

FRAGO, Antônio Vrao, ESCOLANO, Austín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. 2. Ed. Rio de Janeiro: DPEA, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. In: O que é um autor Lisboa: Passagens. 1992. P.129-160.

FORTUNATO, Ivan. **CAPITULO 03- O relato de experiência como método de pesquisa educacional**. In Fortunato, I. Shigunov Neto, A. Método(s) de pesquisa em educação. São Paulo: Edições hipótese, 2018. P. 37-48.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 25ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Breve arqueologia da história oral. **Revista de história oral**. 1998. (p.61-65).

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**, - São Paulo: Vértice, Editora Revista dos tribunais, 1990.

MAHFOUD, Miguel; SCHMIDT, Maria Luiza Sandoval. **Halbwachs: memória coletiva e experiência**. **Psicologia USP**, São Paulo, 1993.

MIZUKAMI, Maria das Graças Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo/** Maria das Graças Nicoletti Mizukami. - São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino).

Passeggi, Maria; Nascimento, Gilcilene; Antunes Medeiros de Oliveira, Roberta **As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação**, Revista Lusófona de Educação, núm. 33, 2016, pp. 111-125 Universidade Lusófona de História.

SILVA, Aline Fernanda Souto Costa. **Nas memórias de professoras: redes de saberes que representam a história da educação em Cubati**. 2012.